

Um Estudo Sobre Crescer



*Pensamentos e Confissões
de um Suposto Adulto*

Um Estudo Sobre Crescer:
Pensamentos e Confissões de um Suposto Adulto

Jonas Francisco Dias da Rocha

Relatório de Projeto para Obtenção do Grau de Mestre em Artes Plásticas
Apresentado à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
no Mestrado em Artes Plásticas - Intermedia

Com a orientação da Professora Doutora Cristina Mateus

Setembro de 2024



*Normalmente, não sou de pedir ajuda,
mas desta vez precisei contar com vocês.*

*Este trabalho só foi possível
graças às vossas contribuições.*

*Literalmente, ele não existiria sem
vocês, e por isso, deixo aqui o meu
mais sincero agradecimento.*

Muito obrigada!

Mãe

Pai

Maria

Diogo

David

Prof.^a Cristina



Watterson, B. (1993, 5 de abril). Calvin e Hobbes discutem cenas adultas. [Banda Desenhada]. GoComics.

Obtido de: <https://www.gocomics.com/calvinandhobbes/1993/04/05>

Tradução livre:

CALVIN: Na programação diz que este filme tem “cenas adultas”. O que é que são cenas adultas?

HOBBS: Provavelmente coisas como ir trabalhar, pagar contas e impostos, assumir responsabilidades...

CALVIN: Uau. Eles não brincam quando dizem “Para público adulto”.

HOBBS: Nunca percebi como é que esses filmes fazem dinheiro.

Resumo

Este trabalho é uma investigação sobre a transição entre a infância e a vida adulta, uma fase marcada pela incerteza e indefinição. Este trabalho é uma reflexão sobre a dificuldade de assumir os papéis da idade adulta enquanto ainda se sente conectado à infância. Este trabalho é dedicado a compreender a sensação de não pertencer completamente a nenhuma dessas fases, explorando o conceito de “adulescência”. Este trabalho é uma reflexão sobre o conceito de maturidade e como ele tem sido moldado por fatores biológicos, sociais e culturais. Este trabalho é uma tentativa de representar visualmente essas experiências, utilizando elementos simbólicos que capturam o sentimento da transição para a idade adulta. Este trabalho é, acima de tudo, uma tentativa de entender e dar forma a essa nova etapa da vida, que escapa às definições tradicionais de idade e maturidade.

Palavras-chave: Infância, Maturidade, Transição, Adulter, Adulescência, Liminaridade.

Abstract

This work is an investigation about the transition between childhood and adulthood, a phase marked by uncertainty and ambiguity. This work is a contemplation on the difficulty of assuming the roles of adulthood while still feeling connected to childhood. This work is dedicated to understanding the feeling of not belonging completely to any of those stages, exploring the concept of “adulescence”. This work is a study on the concept of maturity and how it has been shaped by biological, social and cultural factors. This work is an attempt to visually represent these experiences, using symbolic elements that capture the feeling of the transition to adulthood. This work is, above all, an attempt to understand and give shape to this new stage of life, which bypasses the traditional definitions of age and maturity.

Keywords: Childhood, Maturity, Transition, Adulthood, Adulescence, Liminality.

Índice

Aspas angulares («...») são utilizadas
para indicar citações diretas.

Aspas curvas (“...”) são utilizadas
para expressões em sentido figurado
ou falas/discursos recontados.

Itálico é aplicado para títulos de obras,
palavras estrangeiras e termos em latim.

Parênteses retos ([...]) são utilizados
para traduções livres.

Introdução. 3

Parte I

Ser Adulto 7

Ser Criança 11

Ser Adulto II 19

Ser Adultescente. 25

Parte II

Ser Liminar 31

Ser Criativo 45

Parte III

Ser Pictórico 47

Parte IV

Ser Angelical 57

Projeto Final 59

Considerações Finais 103

Referências 105

Parte V

Ser Mestre 107

Referências II 121



Introdução

Olá, o meu nome é Jonas e este é o meu relatório de projeto, mas isso já deve ser óbvio, é o que está na capa. Como tenho muita dificuldade em começar seja o que for, pareceu-me uma boa ideia iniciar esta introdução com uma pequena apresentação sobre mim. Até porque este documento vai ser sobre mim. Não de uma forma egocêntrica/narcisista (espero), esta investigação é sobre mim no sentido de que é sobre onde me encontro e como me sinto atualmente (neste caso em 2023 e 2024). Quando ingressei no mestrado de Artes Plásticas, estava consciente que teria de realizar algum tipo de investigação sobre um determinado tema, mas tinha muita dificuldade em decidir sobre o que seria. Eventualmente, decidi fazer sobre o que ia na minha cabeça.

Eu nasci no dia 13 de novembro de 2000 (ao meio dia e dez, para quem quiser ver o meu mapa astral. Nasci e sempre vivi no concelho de Paredes, no Porto. Na verdade, também já vivi no Brasil quando tinha 5-6 anos (a minha mãe é brasileira), no entanto foram apenas 6 meses, portanto não sei se é relevante o suficiente (e se encontrarem brasileirismos neste documento já sabem o porquê). É ao escrever estes textos sobre mim que percebo que não sei como me apresentar, ou pelo menos definir o que é pertinente ou não para partilhar. Até aos 13 anos queria ser um cientista, um zoólogo ou biólogo para ser mais preciso, porque adorava (e ainda adoro na verdade) animais. Mas, com a chegada da adolescência decidi virar-me para as artes (ainda não sei bem porque, mas pareceu-me natural). Não foi uma decisão repentina, desde de criança gosto de desenhar e assistir a filmes (inicialmente queria ser animador/realizador de filmes de animação).

E desde então que sigo o meu percurso pela área artística. Isto já deve ser o suficiente, isto não precisa ser uma biografia...

Uma vantagem de nascer no ano 2000 é que nunca preciso de fazer contas para saber a minha idade, em 2007 fiz 7 anos, em 2013 fiz 13 anos, e assim por diante. Portanto, o ano é 2024, vou fazer 24 anos e cada vez mais sinto a distância da infância e da adolescência. Mas, ao mesmo tempo, sinto exatamente igual a quando era mais novo. Não me vejo como um adulto. Internamente ainda me sinto como uma criança/adolescente. Acho que o problema é que o meu eu interno ainda não acompanhou o meu eu físico. Genuinamente, não consigo imaginar-me casado, com filhos e/ou a comprar uma casa nesta idade. Porque não me sinto como um adulto que devia estar a fazer essas coisas. Mesmo que nesta idade seja completamente normal e apropriado começar a planear/fazer todas essas coisas. No fundo, o que tenho pensado ultimamente é se haverá algum momento em que me sentirei como um adulto real? Ou se ser adulto é apenas uma persona que eventualmente temos de assumir? Este trabalho vai sobre isto, sobre o que é ser adulto, se já sou realmente um e porquê.

Decidi que este documento será um relatório de projeto. Já desde do meu 10º ano que redigo este tipo de documentos, mas até hoje tenho bastante dificuldade em fazê-los (para dizer a verdade tenho dificuldade em fazer qualquer tipo de trabalho escrito). Já sei que precisa ser (por regra geral) um documento detalhado que descreve o processo, o desenvolvimento e os resultados de um projeto artístico, incluindo capítulos/secções que articulam a conceção e execução do mesmo. Ainda não tenho bem a certeza de como vou compor e elaborar este documento, por enquanto vou descobrir à medida que escrevo. Sei que vou tentar ir sempre direto ao ponto (por vezes posso ser demasiado sucinto, mas prefiro isso a escrever por escrever). Sei que esta investigação não seguirá estritamente os padrões de uma pesquisa académica formal. Isso significa que não irei me preocupar de forma rigorosa com as formatações, normas e diretrizes típicas de

trabalhos académicos convencionais. Em vez disso, pretendo adotar uma abordagem mais flexível e prática, com mais foco no conteúdo e na clareza das ideias do que na adesão estrita às convenções académicas tradicionais. Mesmo este sendo o meu quinto ano numa faculdade, simplesmente, não me é natural escrever dessa forma. Portanto, as citações que uso, normalmente, funcionam como um complemento ou apenas uma partilha. Vou tentar redigir este relatório de uma forma mais acessível, pois espero que este documento possa ser útil para alguém que sinta o mesmo que eu, e não quero que sejam intimidados por ser um trabalho de Mestrado (não que eu acredite que isto vá ser lido por muitas pessoas, suponho que a maior parte dos leitores serão futuros alunos do Mestrado à procura de referências no repositório da faculdade).

Basicamente, o meu objetivo para este texto é que o mesmo possa fornecer apoio e esclarecimento ao trabalho prático. E de certa forma, ilustrar o meu processo criativo: tudo começa com uma pesquisa inicial de temas, conceitos e referências que despertam o meu interesse e a partir dessas influências e descobertas vou gradualmente moldando um projeto.

E por último, no decorrer deste relatório irei apresentar e abordar temáticas e léxicos nos quais eu tenho nenhuma formação especializada ou conhecimento qualificado. Achei por bem, lembrar que estou na área artística desde do meu 10º ano. Alguns dos assuntos aqui tratados foram simplificados e, portanto, não serão tão desenvolvidos. Talvez não seja a melhor decisão falar sobre assuntos dos quais não tenho muita compreensão, mas segundo esta pesquisa ainda estou na idade de fazer más decisões (isto vai fazer sentido páginas mais à frente).



PARTE I

Ser Adulto

À procura da definição

A transição da infância para a idade adulta e a definição de maturidade têm variado amplamente ao longo da história e entre culturas. De rituais de passagem antigos a marcos sociais e legais contemporâneos, a maturidade tem sido marcada por uma combinação de fatores biológicos, sociais e culturais. Cada período histórico e sociedade estabeleceu seus próprios critérios para o que significa ser adulto, refletindo as necessidades e valores de seu tempo. Atualmente, num modo geral, um adulto é definido como alguém que atingiu a maioridade legal e é considerado maduro o suficiente para assumir responsabilidades, tomar decisões importantes e agir de acordo com as normas sociais e legais. Mas eu não estou a fazer esta investigação para ficar apenas com uma breve definição geral. Preciso de algo específico, que consiga determinar as condições e atributos necessários para poder considerar alguém adulto (e porque não me ajuda em nada a atingir o número mínimo de palavras).

Para começar, é sempre bom olhar para a própria palavra: adulto – tanto no dicionário como na etimologia devo encontrar um bom ponto de partida. Foi nas aulas de Português que aprendi que as palavras já contêm em si bastantes significados (são nestes momentos de nostalgia que percebo que a minha última aula de Português foi há quase sete

anos, um exemplo prático de como ainda não me conformei com o facto de que não terminei o meu secundário “ainda ontem” ...).

adulto

a.dul.to • v'dultu



adjetivo, nome masculino

1. que ou indivíduo que passou a fase da adolescência e completou o seu crescimento
2. DIREITO que ou indivíduo que atingiu a maioridade legal

adjetivo

1. que atingiu o estado em que pode reproduzir-se
2. que atingiu o seu pleno desenvolvimento
3. crescido
4. que se destina ou que é próprio de pessoas adultas
5. *figurado* que é emocional e/ou intelectualmente maduro; que se comporta de modo equilibrado, ponderado, etc.
6. *figurado* que atingiu certo grau de perfeição, experiência, desenvolvimento, etc.



Do latim *adultu-*

Porto Editora – adulto no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora.
Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/adulto>

Os significados listados nesta entrada não diferem muito daquilo que estava à espera, mas, aprendi que a palavra adulto é um adjetivo. Não é que eu não saiba o que é um adjetivo (sei que não tenho Português há sete anos, mas não é para tanto), apenas nunca tinha parado para pensar sobre isso. De facto, é uma característica que é atribuída a alguém. Afinal de contas, alguém “é” adulto, é sobre “ser”. Quando dizemos que alguém é adulto, estamos a reconhecer não apenas a sua idade ou maturidade física, mas também uma série de comportamentos, responsabilidades e atitudes que associamos à fase adulta da vida. Quando

penso em adjetivos, geralmente vêm à mente palavras como “bonito” ou “grande”— características mais visíveis ou quantificáveis. No entanto, palavras como “adulto” ou “maduro” carregam significados muitas vezes relacionado a conceitos abstratos e subjetivos. E é interessante perceber que “adulto” pode ter diferentes conotações dependendo do contexto. Em algumas situações, ser chamado de adulto pode ser um elogio, para destacar a maturidade e a sabedoria de alguém. Porém em outras situações, pode carregar um tom de cobrança ou expectativa, sugerindo que a pessoa deveria agir de maneira mais responsável.

Mais abaixo na entrada do dicionário, está a informação da origem da palavra, e também me parece um bom início de pesquisa. A palavra adulto vem do latim *adultus*, é o particípio passado do verbo *adolescere*, que literalmente significa crescer para ou crescer em direção a. Portanto, *adultus* significa aquele que cresceu ou aquele que amadureceu (em latim, o particípio passado de um verbo pode funcionar como adjetivo).

Numa primeira vista, é difícil de ignorar que as definições de adulto propõem quase sempre uma ideia de prontidão, de algo que anteriormente estava inacabado ou em processo. Essa ideia de prontidão inerente implica que, ao alcançar essa fase, teríamos adquirido todas as habilidades e conhecimentos necessários para navegar pela vida com autonomia e responsabilidade. Essa visão binária, que separa claramente o estar pronto do ainda em processo, cria expectativas irreais (pelo menos, da minha experiência) sobre o que significa ser adulto. E, ignora a possibilidade de uma necessidade contínua de aprendizado e adaptação ao longo da vida, como se cristalizássemos ao chegar à idade adulta. Para além disso, também desvaloriza as fases da infância e adolescência, pois sugere que esses períodos são meramente preparatórios, fases a serem superadas. Parece que a pressão para crescer está em todo lugar, há uma vontade de querer apressar o processo, como se ser adulto fosse o objetivo final. Se pudesse, para mim, a infância era um estado de ser que desejava prolongar.



PARTE I

Ser Criança

Uma pequena interrupção

Sinto que a infância é muitas vezes sabotada pela iminente chegada da idade adulta. Se repararmos, ainda enquanto somos crianças já estamos a levar com a idade adulta em cima. Por exemplo, perguntam sempre o que queremos quando formos crescidos, pensamos sempre com a idade adulta em mente. Somos instruídos a pensar no futuro, a preparar-nos para quando crescermos (é mesmo suposto acreditar que crianças e adolescentes devam planejar as suas carreiras e objetivos a longo prazo?). O trabalho que desenvolvi durante primeiro ano do Mestrado era o completo oposto da proposta deste projeto: o desprezo pela idade adulta. Uma das minhas referências era o livro *The Hurried Child* (1981) do psicólogo David Elkind, onde tenta advertir sobre como a sociedade e os pais têm a tendência de apressar a infância nos últimos anos (aparentemente, desde dos anos oitenta), e como essa precipitação tem efeitos negativos no bem-estar e no crescimento das crianças.

Esta pressa em amadurecer, como Elkind sugere, pode trazer consequências adversas, incluindo ansiedade, stress e a perda de uma fase essencial para a formação de uma identidade saudável. Este alerta é mais relevante do que nunca, dado que vivemos num mundo onde a tecnologia, as redes sociais e as pressões académicas têm acelerado ainda mais o ritmo da infância. Essa antecipação rouba da infância a sua essência mais preciosa: brincar sem propósito, explorar o mundo

inocentemente e viver o presente – estas acabam por tornarem-se atividades secundárias, eclipsadas pela preparação para um futuro ou outras pressões exteriores. Essas expectativas e pressões, acabam por instilar um senso de urgência e inadequação. A infância deveria ser um tempo de liberdade e descoberta, um período em que a curiosidade e a imaginação são nutridas sem a interferência das ansiedades adultas. No entanto, parece que raramente é assim. E não faz muito tempo que as crianças trabalhavam tal como os adultos, a ideia de infância como uma fase distinta não era bem definida (para não falar da adolescência, que apenas surgiu nos anos quarenta). Agora que a reconhecemos, tal como os seus direitos, mais vale valorizá-la. A experiência infantil é uma dádiva que não volta.

«No matter what philosophy of life we espouse, it is important to see childhood as a stage of life, not just as the anteroom to life. (...) A philosophy of life, an art of living, is essentially a way of decentering, a way of looking at our lives in perspective and of recognizing the needs and rights of others. If we can overcome some of the stresses of our adult lives and decenter, we can begin to appreciate the value of childhood with his own special joys, sorrows, worries, and rewards. Valuing childhood does not mean seeing it as a happy innocent period but, rather, as an important period of life to which children are entitled.» (Elkind, 1981, p.245)

[Qualquer que seja a filosofia de vida que adoptemos, é importante ver a infância como uma fase da vida e não apenas como a antecâmara da vida. (...) Uma filosofia de vida, uma arte de viver, é essencialmente uma forma de descentramento, uma forma de olharmos para as nossas vidas em perspetiva e de reconhecermos as necessidades e os direitos dos outros. Se conseguirmos ultrapassar algumas das tensões da nossa vida adulta e descentrarmos-nos, podemos começar a apreciar o valor da infância com as suas próprias alegrias, tristezas, preocupações e regalias. Valorizar a infância não significa vê-la como um período feliz e inocente, mas

sim como um período importante da vida na qual as crianças têm direito.]

Antes de prosseguirmos, não posso deixar de partilhar mais uma passagem do livro:

«When children are expected to dress, act, and think as adults, they are really being asked to playact, because all of the trappings of adulthood do not in any way make them adults in the true sense (...)» (Elkind, 1981, p.49)

[Quando se espera que as crianças se vistam, ajam e pensem como adultos, está-se realmente a pedir-lhes uma encenação, porque o conjunto dos adereços da idade adulta não as torna de modo algum adultos propriamente ditos (...)]

Ao ler este parágrafo, não consegui deixar de pensar sobre isto provavelmente ser a realidade de muitos jovens adultos, pois parte do desafio de ser adulto está em entender que o mero ato de imitar comportamentos ou aparências da maturidade não nos torna automaticamente em pessoas adultas. Eu próprio, muitas vezes, questiono a razão pela qual encontrar um equilíbrio entre a infância e a vida adulta parece tão complicado. Crescemos numa sociedade¹ que impõe uma série de expectativas sobre como devemos nos comportar, vestir e até pensar, como se essas características fossem a chave para a verdadeira maturidade. Vejo isso claramente na minha própria vida. Muitas vezes, sinto que estou apenas a desempenhar um papel, a tentar manter uma fachada que, por dentro, não corresponde à verdade do que sou. Essa discrepância entre o que se espera que eu seja e o que realmente sou é,

¹ Ao longo deste documento, sempre que utilizo a expressão “a sociedade”, estou a referir-me especificamente à sociedade normativa/tradicional do Ocidente, que tende a reforçar o conformismo e a homogeneidade, punindo ou excluindo aqueles que não se encaixam ou não seguem padrões estabelecidos. Reconheço que o termo “a sociedade” pode ser vago e muitas vezes inadequado para capturar a complexidade e a diversidade da humanidade. No entanto, à medida que amadureci e vime cada vez mais imerso nos padrões e expectativas dessa “sociedade”, sinto a necessidade de dirigir-me diretamente a ela e chamar a atenção para as suas particularidades e limitações.

para mim, um dos maiores obstáculos para me sentir verdadeiramente adulto. É como se houvesse uma lacuna imensa entre o que eu deveria ser e o que realmente sou. E, essa lacuna só se amplia ao continuar a fazer de conta.

Outro aspeto que considero, particularmente, perturbador dessa pressão é a ideia de que a vida adulta é a vida real. Como se a vida que vivemos enquanto crianças fosse uma espécie de ensaio, uma fase preparatória que só ganha legitimidade ao alcançarmos a idade adulta. Essa noção não só desvaloriza a infância, como também ignora a profundidade e a autenticidade das experiências vividas nesse período. Em vez de nos permitir desfrutar dessa fase, somos condicionados a ver a infância como um mero prelúdio, um estágio transitório para nos preparar para o que aí vem. Eu só gostava de saber quando e quem começou a crença de que pagar contas e lidar com as pressões do trabalho é o que confere legitimidade à vida? Ao longo desta pesquisa, deparei-me com um género de livros que são uma espécie de guia prático que ensina/prepara recém adultos a serem adultos. Um dos livros tinha um título que me chamou bastante à atenção, em vez do típico “Como Ser um Adulto em x Passos” intitulava-se *Were You Raised by Wolves? Clues to the Mysteries of Adulthood*. Nele, todos os temas adultos imagináveis foram abordados (no contexto ocidental, mais concretamente americano): como cuidar de uma casa, como cozinhar, o mundo do trabalho, relações, vestuário, finanças, até como preparar uma festa e muitas outras coisas mais. Apenas li algumas passagens, mas foi no subcapítulo «Get a Crappy Job» que decidi parar, ele começa com a seguinte frase: «Getting a crappy job is a must-do, if you want to grow up to be an interesting, well-rounded individual.» (p.36) [Arranjar um mau emprego é uma experiência indispensável, se quiseres crescer e tornar-te uma pessoa interessante e diversificada]. Inicialmente não estava a acreditar, a autora estava mesmo a incentivar a condições precárias de trabalho, com a desculpa de ganhar enriquecimento pessoal. Mas, não pensei muito mais, afinal de contas era um livro das

décadas de cinquenta e sessenta, certo? Errado, o livro foi publicado em 2008. Inconscientemente, pensei que o que estava a ler era um retrato do que se esperava de um adulto de há cinquenta anos atrás (a ideia de ser adulto parece ser uma daquelas que resistem ao teste do tempo, mesmo quando o mundo ao nosso redor muda de forma radical). Isto para dizer, que sinto certas expectativas ou supostos rituais de passagem, que foram normalizados na sociedade, podem ser experiências traumáticas e violentas. Parece que há uma perceção de que passar por esses sofrimentos é o que nos torna adultos. No entanto, é importante reconhecer que essas experiências não deveriam ser vistas como um requisito para a maturidade. Em vez disso, mais vale questionar e reavaliar esses padrões, entendendo que o crescimento e a passagem para a vida adulta não precisam estar associados com sofrimento. E (prometo que irei avançar após este último desabafo) sobre a sobrevalorização do trabalho e da produtividade, partilho uma última citação do livro *The Hurried Child* :

«Unfortunately, both the value and the meaning of play are poorly understood in our hurried society. Indeed, what happened to adults in our society has now happened to children—play has been transformed into work. What was once recreational-sports, summer camp, musical training—is now professionalized and competitive.» (Elkind, 1981, p.238)	[Infelizmente, tanto o valor como o sentido do brincar são mal compreendidos na nossa sociedade acelerada. De facto, o que aconteceu aos adultos na nossa sociedade aconteceu agora às crianças - a brincadeira foi transformada em trabalho. O que antes era recreativo - desportos, campos de férias, formação musical - é agora profissionalizado e competitivo.]
--	--

Lembro-me que entre os meus 8 e 12 anos pratiquei natação, até decidir desistir, pois, a mudança da faixa etária trouxe também mudanças nas aulas. De repente, aqueles sessenta minutos passaram a vaivéns de diferentes estilos. Aparentemente, nos primeiros quatro anos, eu pertencia ao escalão B onde o objetivo era a adaptação ao meio aquático (que no fundo era simplesmente brincar). No entanto, no escalão seguinte a ênfase passou a ser a técnica e o desempenho. E até hoje pergunto-me: para quê? Nem eu, nem nenhum dos meus colegas, estava interessado em ser nadador profissional, aquilo era apenas algo que fazíamos depois da escola para nos exercitar e entreter. Nas aulas, era visível que ninguém ficava entusiasmado quando o professor dizia que iríamos aprender um novo tipo de braçada. Das recordações que tenho dessa altura, a única aula em que todos tínhamos um sorriso na cara, foi quando pedimos para experimentar as barbatanas. Há um livro pelo qual tenho imenso apreço que fala sobre a importância do brincar durante a vida: *Play: How it Shapes the Brain, Opens the Imagination, and Invigorates the Soul* (2009) de Stuart Brown.

«The adolescent period often is a time in which kids are pushed to be serious, to ‘put away childish things’, and prepare for the adult world. And yet I would say that learning how to stay playful in age-appropriate ways while taking on those responsibilities is one of the most important tasks of this age. (...) Parents and educators, corporate leaders, and others need to become convinced by the evidence that long-term life skills and a rewarding sense of fulfillment — and yes, [O período da adolescência é muitas vezes uma altura em que as crianças são pressionadas a ser sérias, a “pôr de lado as coisas de criança” e a prepararem-se para o mundo dos adultos. E, no entanto, eu diria que aprender a manter-se lúdico de forma adequada à idade, ao mesmo tempo que se assumem essas responsabilidades, é uma das tarefas mais importantes desta idade. (...) Os pais e educadores, os empresários e outros precisam de se convencer da evidência de

performance — are more the by-product of play-related activities than forced performance.» e, sim, o desempenho — são mais o subproduto do brincar do que o desempenho forçado.]
(Brown, 2009, p.94)

Por vezes, sinto que somos constantemente bombardeados com mensagens que nos incitam a ser mais produtivos, a otimizar cada momento do nosso dia, a transformar até os minutos de lazer em oportunidades para fazer algo útil. Parece que o mundo está obcecado com a ideia de que a vida adulta deve ser uma constante de eficiência, onde o tempo livre é visto como um luxo e a ociosidade como um pecado. Hoje em dia parece que, para onde quer que olhemos, há uma infinidade de dicas, truques e ferramentas que prometem tornar-nos mais eficientes. E será que esta abordagem é realmente a melhor para o nosso desenvolvimento a longo prazo? Será que não estamos a sacrificar a nossa saúde mental, a nossa criatividade e, em última análise, a nossa felicidade, em nome de uma produtividade desmedida? Mas vamos lá refletir um pouco. Produtividade para quem, exatamente? E depois, para quê? Para que serve este frenesim de constante ocupação? Será que, quando estivermos velhos e cansados, vamos olhar para trás e pensar: “Uau, como fui produtivo! Que vida tão bem aproveitada”? Duvido muito. O mais curioso é esse medo, quase um pavor, do ócio. Parece que, para muitas pessoas, o simples ato de parar e não fazer nada é tão assustador quanto um filme de terror. O que será que temem encontrar no silêncio das suas mentes? Talvez seja o vazio deixado por anos e anos de atividades sem sentido, todas realizadas em nome dessa dita produtividade. Ou talvez seja o medo de descobrirem que, afinal, não há grande coisa por trás de todo esse esforço incessante. E o desprezo? Reservado para os preguiçosos, que ousam reclamar algum tempo para si mesmos, sem a preocupação de serem úteis. Que vergonha, não é?

Gente que perde tempo a contemplar o céu, a ouvir música, a ler um livro sem qualquer propósito aparente. Afinal, o que essas pessoas acham que vão ganhar com isso? Entretanto, o tempo vai passando, e vamo-nos afastando cada vez mais daquele estado de leveza e alegria que conhecíamos em criança. Porque, afinal, o ócio é coisa de miúdos. Os adultos não têm tempo para brincadeiras, para momentos de pura descontração, para atividades que não tragam algum tipo de retorno tangível. Se estamos parados, a fazer algo sem propósito, é porque não estamos a levar a vida a sério. E, obviamente, ser adulto é sinónimo de seriedade. O que quero dizer, é que é preciso permitir que os adultos redescubram o valor de atividades sem objetivos produtivos, onde o prazer e a satisfação pessoal são as únicas recompensas. E, largar a noção de que na idade adulta não há espaço para o ócio e diversão em contextos sérios. Simplesmente deixar o tempo passar, sem culpa, sem pressa, e sem medo de parecer menos adulto por isso.

«Play is a state of mind, rather than an activity. Remember the definition of play: an absorbing, apparently purposeless activity that provides enjoyment and a suspension of self-consciousness and sense of time. It is also self-motivating and makes you want to do it again.» (Brown, 2009, p.57)

[Brincar é um estado de espírito, ao invés de uma atividade. Lembre-se da definição de brincar: uma atividade absorvente, aparentemente sem objetivo, que proporciona prazer e uma suspensão da autoconsciência e da noção do tempo. É também auto-motivante e dá-nos vontade de o fazer novamente.]

Bem, penso que já dei a entender que gosto muito mais da infância do que a idade adulta, e sei que desviei um pouco do tema principal. Vou dar continuidade à minha investigação e avançar para a segunda aceção da palavra no dicionário (que entretanto ficou onze páginas para trás) e voltar-me para a área do Direito.

PARTE I

Ser Adulto II

De volta à pesquisa

Aos 18 anos, querendo ou não, aos olhos da lei portuguesa tornei-me adulto: «É menor quem não tiver ainda completado dezoito anos de idade.» (Código Civil Português, artigo 122º. Decreto-Lei n.º 47344). Para o melhor ou para o pior, adquiri novas liberdades e responsabilidades: votar, assinar contratos, comprar bebidas alcoólicas, tomar decisões sem a necessidade de consentimento de responsáveis legais, etc. Confesso que ainda não aproveitei nem metade das minhas liberdades e direitos de adulto. Para além de votar não me vem à cabeça mais nada. Sim, nunca comprei nem bebi bebidas alcoólicas, nunca fumei, não tenho carta de condução, nunca fui a um casino (mas gostava muito), nunca declarei IRS, etc. Portanto, apesar de ter 18 anos e ser legalmente um adulto, questiono-me se realmente vivo como tal. Porque, sinceramente, não senti em mim nenhuma diferença significativa no dia 13 de novembro de 2018 (e nem nos dias seguintes).

Contudo, isto das leis é mais confuso do que parece, porque de certa forma a maturidade também pode começar aos 16 ou aos 21. Passo a explicar, em Portugal, o sistema jurídico distingue entre menores e adultos de acordo com a idade. Ou seja, a responsabilidade penal é tratada de forma diferente para menores e adultos. São considerados menores aqueles com idade inferior a 16. Eles são tratados de acordo com a Lei Tutelar Educativa (Lei n.º 166/99, de 14 de setembro), que

estabelece um regime especial para jovens com idades entre 12 e 16 anos que cometam atos considerados crimes. Este regime foca-se em medidas educativas e reabilitação, em vez de punição penal. Já a partir dos 16 anos, são considerados imputáveis do ponto de vista penal, ou seja, podem ser julgados como adultos. Isso significa que podem ser sujeitos às mesmas penas previstas para os adultos no Código Penal. No entanto, a legislação portuguesa reconhece a necessidade de tratamento especial para jovens entre 16 e 21 anos. O Código Penal prevê a possibilidade de atenuação especial da pena para os jovens adultos (artigo 72.º do Código Penal), considerando a idade e o grau de maturidade do infrator. Tal situação cria uma zona cinzenta entre a infância e a idade adulta, onde os jovens são considerados adultos do ponto de vista legal, mas recebem tratamento diferenciado devido à sua idade e (i)maturidade. Este tratamento especial reflete o reconhecimento de que, embora tenham atingido a idade da imputabilidade penal, os jovens entre 16 e 21 anos ainda estão em fase de desenvolvimento emocional e psicológico.

São nestes momentos em que percebo que tenho praticamente nenhuma noção sobre a nossa legislação e constituição. Afinal de contas, estes sempre foram assuntos adultos que não precisei de compreender (por essa lógica, penso se me tornei mais adulto depois de escrever este parágrafo?). Confesso que não me ajudou em nada esta revelação, se tudo, confundiu ainda mais a fronteira entre a chegada idade adulta e adolescência. Onde alguém pode ser considerado adulto, mas não ser tratado como tal. Pelo menos, este tratamento diferenciado revela uma compreensão das complexidades inerentes ao desenvolvimento humano. A ideia de que, apesar de já terem atingido a idade da imputabilidade penal, esses indivíduos ainda se encontram numa fase de transição, tanto emocional quanto psicológica, parece criar um paradoxo difícil de resolver. De um lado, reconhece-se que eles possuem a capacidade de discernir entre o certo e o errado, de fazer escolhas e, portanto, de serem responsabilizados por suas ações. No entanto, ao mesmo tempo, há um reconhecimento implícito de que essa capacidade pode não

estar completamente amadurecida, justificando um tratamento menos severo ou mais adaptado às suas circunstâncias. Essa ambiguidade inevitavelmente suscita questionamentos sobre onde, de facto, se traça a linha divisória entre a adolescência e a idade adulta. É um terreno nebuloso onde alguém pode, em termos legais, ser considerado adulto e, ao mesmo tempo, ser tratado como um ser em desenvolvimento, incapaz de arcar com todas as responsabilidades e consequências de suas ações. Essa contradição torna ainda mais difícil a tarefa de definir o que significa realmente ser adulto. Afinal, se a sociedade admite que esses jovens não estão completamente prontos para enfrentar as consequências dos seus atos, isso não seria uma confissão de que a própria definição de maioridade é, em si, insuficiente ou, no mínimo, prematura?

Contudo, a definição da idade de maioridade varia significativamente entre os países, e até mesmo dentro dos mesmos para diferentes atividades, por exemplo, em muitos estados nos E.U.A, a idade mínima para obter a carta de condução é 16, mas para consumir bebidas alcoólicas é 21. Essa variabilidade sublinha que ser adulto não é apenas uma questão de alcançar uma certa idade ou ganhar liberdades antes proibidas. Onde eu esperaria clareza e consistência, encontrei uma sobreposição confusa de critérios que, longe de esclarecer, acaba por embaralhar ainda mais as noções de maturidade e responsabilidade. Ao final, essa dualidade só reforça a complexidade do processo de amadurecimento, que não pode ser rigidamente delimitado por idades ou marcos legais Neste caso, é mais um processo de adquirir capacidades, responsabilidades e direitos, que por alguma razão apenas podem ser obtidos a partir dos 18 (deduzo que esteja relacionado com o nosso desenvolvimento físico e mental, tal como o dicionário também refere).

Numa perspetiva estritamente científica/biológica, a idade adulta corresponde ao estágio no ciclo de vida de um organismo em que o mesmo atinge o desenvolvimento completo em termos físicos (o organismo não está mais em fase de crescimento em altura e massa

corporal) e reprodutivos (o organismo desenvolve a capacidade de se reproduzir). No caso dos humanos, isto geralmente ocorre durante a adolescência (entre os 10 anos e os 19 anos segundo a Organização Mundial de Saúde), e penso que não é necessário elaborar sobre o que sucede nessa fase, por alguma razão é sempre um tópico constrangedor. Contudo, a questão de ser adulto não pode ser reduzida apenas ao desenvolvimento físico. Afinal, há adolescentes que, aos 16 anos, já têm uma aparência tão robusta que parecem tomar *shakes* proteicos ao pequeno almoço, assemelhando-se mais a adultos do que eu. É o nosso cérebro que, se não for mais importante, certamente, é tão relevante quanto na discussão sobre desenvolvimento e maturidade.

A neurociência define a idade adulta e a maturidade como um estágio de desenvolvimento em que o cérebro atinge a plena maturidade funcional, particularmente o córtex pré-frontal. Portanto, embora a maturidade física possa ser alcançada antes dos 25 anos, a maturidade cognitiva e emocional pode continuar a se desenvolver até essa idade. Ou seja, a plena idade adulta, na perspetiva da neurociência, é compreendida como um processo contínuo de desenvolvimento que culmina por volta dos 25 anos. Para os interessados, o córtex pré-frontal é a parte do cérebro responsável por funções executivas, como tomada de decisões, planeamento, controle de impulsos e regulação emocional. No fundo, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores e na regulação do comportamento.

«A baby brain is not just a small adult brain, and brain growth, unlike the growth of most other organs in the body, is not simply a process of getting larger. The brain changes as it grows, going through special stages (...)» (Jensen, 2014, p.27)

[Um cérebro de um bebé não é apenas um cérebro reduzido de um adulto, e o crescimento do cérebro, ao contrário da maioria dos outros órgãos do corpo, não é simplesmente um processo de aumento de tamanho. O cérebro muda à medida que cresce, ao passar por fases especiais (...)]

Infelizmente, esta é a extensão do que posso explicar, qualquer informação além disso está fora do meu alcance de compreensão. Tudo o que aprendi vem do livro *The Teenage Brain: A Neuroscientist's Survival Guide to Raising Adolescents and Young Adults* (2015). Embora contenha detalhes específicos sobre neurociência, é bastante acessível. A autora, Frances E. Jensen, frequentemente escreve a partir da sua perspetiva como mãe de um adolescente, e também como neurocientista, enquanto tenta entender os comportamentos do filho. O livro é envolvente e divertido, e recomendo não apenas para pais nessa situação, mas para qualquer pessoa interessada em aprender mais sobre o cérebro.

O importante a retirar desta descoberta é que segundo a neurociência é possível que eu ainda não seja um adulto. Não sei como verificar em que estágio de desenvolvimento o meu córtex pré-frontal se encontra, mas não diria que esteja finalizado (espero). Fico contente em saber que existe a possibilidade de ainda ter dois anos até me tornar um adulto. E ao mesmo tempo, deixa-me curioso sobre o que acontecerá quando eu atingir os 25 anos, como me vou sentir? Como irei mudar (se mudar)? Sei que não vou acordar um adulto de repente como o Martim Manhã¹, porque quase escrevi “desenvolvimento” em cada linha no parágrafo anterior e não metamorfose. O problema é que receio não sentir essa mudança, e quando perceber já for tarde demais. Quando começou a minha fase de crescimento, a transição pareceu ocorrer de forma tão rápida que pareceu da noite para o dia. Embora esteja convencido que isso não vá acontecer, penso se vou deixar de gostar dos meus interesses. Por vezes sinto que ser adulto parece mais uma questão de deixar coisas para trás do que acrescentar novas. Há claramente uma linha que separa o que é considerado coisas de adulto e coisas de criança. Parece que há uma pressão silenciosa para abandonar interesses que são rotulados como infantis. Brinquedos, desenhos animados, até

¹ *Martim Manhã* era uma série de animação que eu assistia no *ZigZag* (o bloco de programação infantil da RTP2) entre os meus 7-9 anos. É sobre um rapaz que todos os dias acordava como algo diferente, por exemplo um mago, um dragão, um super-herói, etc. É uma série francesa (*Martin Matin* é o título original) e estreou em 2003.

certos hobbies, são vistos com olhares críticos, como se a maturidade estivesse diretamente relacionada a desistir dessas coisas. Lembro-me perfeitamente de um Natal em que recebi uma figura *Skylander*² e a minha tia decidiu fazer o seguinte comentário: “Ui, já não tens idade para isso, até parece mal!...” – nem tinha eu acabado de desembulhar o presente (na época eu devia ter 13 ou 14 anos, nem adulto era sequer). Mas porquê essa separação tão rígida? Porque razão devemos abrir mão da alegria que esses interesses trazem? É como se o crescimento fosse medido pela capacidade de deixar para trás tudo aquilo que nos fazia felizes na infância. É isto que é envelhecer? Deixar coisas para trás uma e outra vez? Será que não podemos, ao invés de abandonar, integrar esses interesses ao nosso eu adulto? Conforme aproximo-me dos 25 anos, quero desafiar essa dicotomia. Quero ser capaz de apreciar um bom desenho animado tanto quanto uma discussão de um tópico mais complexo. Quero colecionar brinquedos ao lado de livros ditos sérios. Porque, no fim das contas, ser adulto não deveria ser sobre deixar coisas para trás, mas sim sobre crescer com elas, integrando todas as partes de nós mesmos em um todo mais rico e completo.

Sei que estas coisas provavelmente deviam ser partilhadas e discutidas numa consulta de psiquiatria e não num relatório académico de Mestrado. Digamos que estou a aproveitar os meus últimos meses de pré-córtex frontal em desenvolvimento. Por enquanto o arrependimento é coisa do amanhã.

² *Skylanders* é uma franquia de videojogos do género *toys-to-life*, onde ao colocar a figura de uma personagem num dispositivo que lê a respetiva etiqueta NFC a “importa” para o jogo como uma personagem jogável. É um dos meus videojogos prediletos, sendo eu um jogador ávido desde 2012, com uma coleção de 192 figuras diferentes (e sim, ainda quero mais)

PARTE I

Ser Adultescente

Nem criança e nem adulto

A este ponto, a partir destas várias descobertas, penso que é de notar que a ideia de idade adulta, por mais que pareça uma transição abrupta, é na verdade uma transformação constante. Talvez seja melhor deixar as definições do dicionário de parte, e começar a debruçar-me em textos de quem realmente percebe disto. No momento em que me encontro nesta investigação, o livro *Emerging Adulthood: The Winding Road from the Late Teens through the Twenties* (2004) de Jeffrey Jensen Arnett tem sido especialmente elucidante. Logo no prefácio (literalmente o início do segundo parágrafo) encontro a frase: «I began to wonder, how and when do other people feel they have reached adulthood?» [Comecei a perguntar-me: como e quando é que as outras pessoas sentem que atingiram a idade adulta?] – e aqui percebi que este livro ia ser uma grande ajuda. E, principalmente, pelo facto da sua investigação ter sido realizada através de entrevistas com jovens da minha idade, durante a leitura ficava genuinamente surpreso com as respostas, pois eram um reflexo idêntico do que eu penso e sinto (por momentos até pensei em mudar o tema da minha investigação, porque o que poderia eu acrescentar a esta temática depois de encontrar este livro?).

Arnett apresenta o conceito de «emerging adulthood» (a tradução para português seria algo como: adulez emergente – mas, confesso que prefiro o neologismo: adultescência) para especificar essa fase de transição

entre a adolescência e a idade adulta, e basicamente descreveu com exatidão tudo aquilo que sinto. Segundo o mesmo, a idade adulta não é mais caracterizada por uma transição direta e rápida da adolescência para a maturidade, como era tradicionalmente concebido. Em vez disso, ele argumenta que os jovens de hoje enfrentam uma fase prolongada de exploração, instabilidade e autoconhecimento (soa familiar?).

«Calling it the ‘transition to adulthood’ seemed to diminish it, as if it were merely a brief passage connecting the two more important periods of adolescence and young adulthood. (...) Why shouldn’t it be regarded as a distinct period of life in its own right?» (Arnett, 2001, p. vi)

[Ao chamar-lhe ‘transição para a idade adulta’, parecia desvalorizá-la, como se fosse apenas uma simples passagem entre os dois períodos mais relevantes a adolescência e a jovem idade adulta. (...) Porque é que não há-de ser considerada como uma fase da vida distinta por direito próprio?]

Uma das razões pelas quais Arnett propõe a ideia da adultescência é o reconhecimento das mudanças sociais, econômicas e culturais que têm impactado a vida dos jovens adultos nas últimas décadas. Fatores como o aumento da escolaridade, a mudança nas expectativas de carreira, a instabilidade econômica, adiantamento do casamento e independência financeira são os principais fatores da prolonga da fase de transição entre a adolescência e a idade adulta.

Ao que parece aquilo que sinto é somente um fenómeno completamente normal, consequente das circunstâncias da nossa época e do contexto ocidental. E assim a minha questão fica resolvida. Obrigada Jeffrey Jensen Arnett, agora sei que posso dizer que ainda não sou um adulto. Sou algo que está a ser discutido na psicologia e sociologia (e de certa forma também na neurociência). Sou algo novo, que ainda não está bem definido. Um novo entremeio. Um adulescente?

É impressionante pensar que a ideia de adultescência é discutida há duas décadas, e, no entanto, não existe uma consciência desse conceito na sociedade. Culpo por parte a falta de disseminação dessas ideias fora dos círculos académicos e especializados (sim, tenho noção que estou a escrever isto num trabalho de mestrado). Nas eleições legislativas de 2024, por exemplo, muitos políticos mencionaram políticas direcionadas aos jovens, mas raramente havia uma definição precisa de quem eram esses jovens. A idade poderia ser interpretada de maneiras diferentes por diferentes pessoas em diferentes contextos. Essa ambiguidade reflete a dificuldade (e a necessidade) de categorizar uma geração que está a enfrentar um período de transição prolongado entre a adolescência e a idade adulta. Por exemplo, políticas que visam apenas os jovens abaixo dos 25 anos podem negligenciar aqueles que estão entre a faixa dos 25 aos 30 anos e ainda enfrentam desafios semelhantes de transição para a idade adulta.

Para além de Arnett, outros investigadores começaram também a defender a importância do reconhecimento da adultescência como uma nova fase. O livro *On the Frontier of Adulthood: Theory, Research, and Public Policy* (2008) é o resultado de um trabalho coletivo de sociólogos, demógrafos, economistas e psicólogos, onde é discutido a falta da consciência pública e das políticas sociais ainda não terem acompanhado essas mudanças. Em comparação com a investigação de Arnett esta é bastante mais extensa, devido à abordagem interdisciplinar (porém é muito mais teórica e não tão recomendável para uma leitura mais leve).

«Ideas about life periods are rooted in social structural changes that give rise to new behaviors. They come about as inventions or solutions to structural dilemmas created when social change

[As concepções sobre os períodos da vida estão enraizadas em mudanças sócio-estruturais que dão origem a novos comportamentos. Estas surgem como invenções ou soluções para dilemas estruturais

renders old practices unworkable criados quando a mudança social or, in common parlance, out of torna as práticas antigas inviáveis fashion. In modern societies, these ou, na linguagem comum, fora de new patterns are often swiftly moda. Nas sociedades modernas, diffused in the form of new social estes novos padrões são muitas norms, institutional arrangements, vezes rapidamente difundidos sob social affiliations, and personal a forma de novas normas sociais, identities.» (Rumbaut et al., 2008) disposições institucionais, afiliações sociais e identidades pessoais.]

Não irei trazer para aqui as sugestões e problemáticas que os autores levantam, pois não acho que isso seria muito relevante para aqui, mas é importante frisar a necessidade da categorização desta nova idade. O mundo em que vivemos está em constante transformação, e essa mudança abrange todas as esferas da sociedade, desde a tecnologia até as nossas próprias identidades. Neste contexto, torna-se essencial revisitar e repensar as categorias com as quais nos acostumamos a classificar as pessoas. Durante muito tempo, os termos “homem” e “mulher” foram considerados suficientes para abranger as identidades de género. No entanto, à medida que avançamos na compreensão das complexidades da identidade, torna-se evidente que esses termos já não conseguem abarcar toda a diversidade existente. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado às categorias de idade, como “adulto”, “criança” e “adolescente”, que também foram historicamente moldadas por parâmetros biológicos e sociais. É crucial reconhecer que a identificação da infância e adolescência como etapas distintas da vida é um desenvolvimento relativamente recente. Essas categorias só começaram a ganhar destaque e a ser reconhecidas à medida que mudanças nas estruturas sociais e económicas da sociedade trouxeram à tona a necessidade de diferenciá-las. E nos tempos atuais, com a evolução das ciências humanas e sociais, é possível compreender que o desenvolvimento humano não segue uma linha rígida e linear. O que significa ser criança, adolescente ou adulto é algo que está

profundamente entrelaçado com fatores culturais, sociais, psicológicos e até mesmo tecnológicos. Num mundo onde as experiências de vida são cada vez mais variadas e as transições entre diferentes fases da vida são menos definidas, precisamos de uma nova linguagem para descrever essas realidades.

Porque sem a conscientização desta nova idade, aqueles que se encontram nela acabam por se sentir perdidos na liminaridade. Sim, é uma palavra grande, um pouco difícil de dizer e de explicar. De uma forma bastante resumida, a liminaridade é um conceito estudado nas ciências sociais, particularmente na antropologia, e refere-se a um estado (atribuído a indivíduos, sociedades, situações ou espaços) de transição, ambiguidade e transformação.



PARTE II

Ser Liminar

Estar entre

Foi em *Les Rites de Passage* [Os Ritos de Passagem] (1909) que Arnold Van Gennep, ao introduzir o conceito de rituais de passagem, apropriou-se da ideia de liminaridade para descrever a fase intermediária desses rituais. Van Gennep propõe os ritos de passagem como cerimônias ou práticas que acompanham mudanças de estado, fases da vida ou posição social de um indivíduo, ou um grupo de pessoas, na sociedade (por exemplo: a transição para idade adulta). Segundo o mesmo, estes são compostos por três fases: separação, margem ou *limen* (limiar em latim) e agregação. Na fase de separação, os indivíduos são afastados do seu grupo social ou *status quo*, marcando o início da transição e a quebra das ligações com a sua condição anterior. A fase de margem é caracterizada por um estado de liminaridade, onde os indivíduos encontram-se entre um status social e o outro. Durante este período, as normas e estruturas sociais habituais são suspensas, o que permite uma redefinição das identidades e papéis sociais. Finalmente, na fase de agregação, os indivíduos são reintegrados na sociedade com um novo status, papel ou identidade. Até parece simples, mas preciso ressaltar que isto é mais complexo do que parece. Nos últimos anos, o conceito de liminaridade tem sido abordado e aplicado de maneiras extremamente diversas. Seria completamente impossível (e provavelmente irrelevante para aqui) tentar realizar uma revisão abrangente da literatura sobre os

usos atuais do termo, porque seria necessário explorar uma discussão que se estende por pelo menos vinte disciplinas diferentes.

«Life and death, day and night, light and dark, girl and woman, novice and expert: liminality emerges in the in-between of a passage. While on the one hand the term can and must be given an extremely narrow and technical delimitation as belonging to the middle stage in concretely acted out ritual passages, on the other hand it is also evident that liminality lends itself to a wider application, as the term captures something essential about the imprecise and unsettled situation of transitoriness.» (Thomassen, 2014, p.2)

[Vida e morte, dia e noite, luz e escuridão, menina e mulher, novato e perito: a liminaridade emerge no entremeio de uma passagem. Se, por um lado, o termo pode e deve ser atribuído a uma definição extremamente restrita e técnica como pertencente à fase intermédia em passagens rituais concretas, por outro lado, é também evidente que a liminaridade presta-se a uma aplicação mais vasta, uma vez que o termo capta algo essencial sobre a incerteza e a instabilidade de uma situação transeunte.]

Penso que aqui dá para entender a relação deste tópico com o tema geral desta investigação. Na verdade, todo este trabalho isto. É sobre liminaridade. Sobre ser e não ser (no caso, criança e adulto). Estar entre. De facto, sinto-me como se estivesse suspenso entre dois estados de ser. Não sou mais quem costumava ser, mas ainda não me sinto totalmente confortável com a pessoa que estou a tornar. É como se estivesse em um estado de transição constante, onde o passado e o futuro se sobrepõem, mas o presente parece nebuloso e incerto. Para mim, os espaços liminares são uma representação vívida desse mesmo sentimento. Por enquanto, não tenho esperança de encontrar uma saída deste labirinto de indecisão e confusão. Estou preso no limbo dos espaços liminares, condenado a flutuar sem direção, perdido no desconhecido.

«Hence, to think with liminality very basically has to do with a thorough understanding of passages and passage experiences. Rooted in the Latin *patio* (to suffer, to undergo), the word ‘passage’ indicates a displacement, a process of transformation undertaken, but not yet finished. (Thomassen, 2014, p.13)»

[Por isso, pensar a liminaridade tem que ver, basicamente, com uma compreensão profunda das passagens e das experiências de passagem. Com origem no latim *patio* (sofrer, passar), a palavra ‘passagem’ indica um deslocamento, um processo de transformação iniciado, mas ainda não terminado.]

Se conceito de liminaridade descreve um estado de estar entre diferentes condições, sem pertencer completamente a nenhuma delas, então um espaço liminar refere-se ao lugar em que uma pessoa se encontra durante um período de transição ou passagem. Um corredor é um bom exemplo de um espaço liminar. As pessoas passam por ele, mas geralmente não permanecem num corredor. É um espaço entre espaços. Normalmente, não se decide conscientemente ir para um corredor da mesma forma que se decide ir para o quarto ou para a cozinha. Um outro exemplo seria um quarto de hotel. Diferente de um quarto de uma casa, que é um espaço pessoal e familiar, o quarto de hotel é temporário e impessoal, serve apenas como um lugar de passagem.

Mas, um espaço liminar também pode ser um espaço durante uma fase liminar. Uma escola à noite depois de todos os alunos e professores terem ido embora. Um supermercado sem nenhum cliente à vista. Um parque de estacionamento completamente vazio. Uma piscina sem água. São espaços familiares aos quais se associa uma determinada função e/ou ambiente, mas que são vistos num novo ou estranho contexto. Há sempre algo de familiar nestes lugares, mas, ao mesmo tempo, eles parecem estranhos e alheios porque foram removidos do contexto em

que estamos habituados a vê-los. Estão em suspensão, entre uma fase e outra, entre propósitos, passando de um estado para outro.

«Liminality is a universal concept: cultures and human lives cannot exist without moments of transition, and those brief and important spaces where we live through the in-between. Such transitions mark us, they stamp our personalities, and that is the way it will always be. (...) Liminality reminds us of the moment we left our parents' home, that mixture of joy and anxiety, that strange combination of freedom and homelessness; that pleasant but unsettling sensation of infinity and openness of possibilities which – at some moment, sooner or later – will start searching for a new frame to settle within. And if it does not, the void will perpetuate, and anxiety with it.» (Thomassen, 2014, p.4)

[A liminaridade é um conceito universal: as culturas e as vidas humanas não podem existir sem momentos de transição, e esses breves e importantes espaços onde vivemos o entre. Essas transições marcam-nos, definem as nossas personalidades, e é assim que sempre será. (...) A liminaridade recorda-nos o momento em que saímos de casa dos nossos pais, aquele misto de alegria e ansiedade, aquela estranha combinação de liberdade e de desabrigo; aquela agradável mas inquietante sensação de infinitude e de possibilidades abertas que – num dado momento, mais cedo ou mais tarde – começarão a procurar uma nova estrutura para se instalarem. E se isso não acontecer, o vazio perpetuar-se-á, e a ansiedade com ele.]

Esta última definição representa melhor a *limininal place aesthetic*¹ que surgiu por volta de 2019 na internet. Essa *aesthetic* explora a atmosfera peculiar de locais que existem no limiar entre o familiar e o desconhecido, o presente e o passado e o habitado e o desabitado. Os

¹ A palavra *aesthetic* (estético em português) originalmente referia-se à discussão filosófica sobre a natureza da beleza e sua existência. No entanto, Millennials e a Geração Z começaram a usá-lo como adjetivo para o que consideram belo. Hoje, *aesthetic* passou a ser entendida como um conjunto de imagens, objetos, músicas, textos, etc. que geram uma emoção, propósito e comunidades específicas.

espaços retratados incluem frequentemente arquitetura e mobiliário do final do século XX e do início do século XXI, uma vez que as gerações X, Millennial e Z associam espaços liminares com a sua própria infância e memória cultural. As imagens pertencentes a esta *aesthetic*, muitas vezes fotografadas ou criadas digitalmente, tem como objetivo evocar uma sensação de nostalgia, desorientação e *uncanny*².

Uncanny, traduzido como inquietante ou infamiliar em português, é uma noção psicológica e estética que se refere a algo que é estranhamente familiar, gerando uma sensação de desconforto ou inquietação. Não se trata apenas de algo desconhecido, mas de algo que deveria ser familiar, mas que se apresenta de uma maneira perturbadora ou fora do comum. Este sentimento de inquietação pode ocorrer em diversas situações e contextos, como em experiências visuais, auditivas, narrativas ou até mesmo em interações sociais.

Quando pensamos na sensação de não se sentir totalmente adulto, encontramos um exemplo de *uncanny* que opera dentro do contexto da liminaridade. Aqui, a discrepância entre a idade cronológica — o marco objetivo e quantificável de se tornar um adulto — e o sentimento subjetivo de maturidade, ou a falta dele, cria um espaço liminar onde um indivíduo não se encaixa completamente nem na juventude, nem na idade adulta. Este espaço liminar é profundamente infamiliar, porque envolve uma convivência desconfortável entre o que se espera ser conhecido (a identidade adulta) e o que é experimentado como estranho (a incapacidade de se identificar plenamente com essa identidade).

Na prática, isso significa que o indivíduo se encontra numa posição entre o familiar — a criança ou jovem que foi até agora, com suas experiências, memórias e percepções de si mesmo — e o estranho — as novas expectativas sociais, responsabilidades e papéis que vêm com a idade adulta. O conflito interno surge quando a sociedade começa

² A palavra *uncanny* por vezes é traduzida como “infamiliar” em português, um neologismo que não está dicionarizado na língua portuguesa. Ao longo deste texto, usarei “infamiliar” para fazer referência a essa ideia específica, já que acredito que o termo é o que melhor encapsula o significado de *uncanny*.

a ver essa pessoa como adulta, atribuindo-lhe responsabilidades e expectativas que vêm com essa fase da vida, enquanto, internamente, ela ainda se sente inadequada ou deslocada. A familiaridade do o “eu” infantil entra em conflito com a estranheza do “eu” adulto. Este estado ambíguo, onde o indivíduo é percebido como adulto, mas não sente que ocupa plenamente esse papel, gera um sentimento de inquietação e de não pertencimento característico do *uncanny*.

Foi a partir destes conceitos de liminaridade e infamiliaridade que comecei a produzir algumas imagens.

«The uncanny involves feelings of uncertainty, in particular regarding the reality of who one is and what is being experienced. Suddenly one’s sense of oneself (of one’s so called ‘personality’ or ‘sexuality’, for example) seems strangely questionable. (...) But the uncanny is not simply an experience of strangeness or alienation. More specifically, it is a peculiar commingling of the familiar and unfamiliar. It can take the form of something familiar unexpectedly arising in a strange and unfamiliar context, or something strange and unfamiliar unexpectedly arising in a familiar context.» (Royle, 2003, p.10)

[O infamiliar envolve sentimentos de incerteza, em particular no que diz respeito à realidade de quem alguém é e do que está a ser vivido. De repente, a noção que temos de nós próprios (da nossa chamada ‘personalidade’ ou ‘sexualidade’, por exemplo) parece estranhamente questionável. (...) Mas o infamiliar não é simplesmente uma experiência de estranheza ou alienação. Mais especificamente, é uma mistura peculiar entre o familiar e o não familiar. Este pode assumir a forma de algo familiar que surge inesperadamente num contexto estranho e não familiar, ou de algo estranho e não familiar que surge inesperadamente num contexto familiar.]











PARTE II

Ser Criativo

Estar a meio

Enquanto captava estas fotografias e vídeos, comecei a sentir-me preso à ideia da liminaridade, pois não queria que o projeto se resumisse apenas a isso. A liminaridade, por mais fascinante que fosse, parecia limitada quando tomada como fim em si mesma.

A partir daqui, talvez seja melhor explicar o meu processo criativo de forma mais detalhada. Penso que já dei a entender que tenho uma inclinação natural para materializar os meus sentimentos em imagens. Às vezes, faço isso pelo simples prazer do desafio de traduzir algo abstrato em algo visível. Outras vezes, é uma maneira de me conectar mais com esses sentimentos, de mergulhar neles, compreendê-los e, por fim, transformá-los em algo que possa ser partilhado. É essa busca (por compreensão – expressão – conexão) que me motiva.

Quando comecei a escrever este documento, decidi fazer algo radical: abandonar, praticamente, quase todo o trabalho e material que havia produzido e coletado no primeiro ano. Sim, eu sei, pode parecer uma escolha ousada, mas tenho a habilidade única de me entediar com meus próprios projetos se eles se arrastarem por muito tempo. Inicialmente, (como já referi) o meu foco durante o primeiro ano era a nostalgia pela infância, que se transformou numa repulsa pela idade adulta, mais tarde mudei para as narrativas de *coming-of-age* e no início de 2024 (quando comecei realmente a realizar este documento) decidi

mudar mais uma vez. Reconheço que esse processo pode parecer um tanto destrutivo, a frequência com que abandono temas e projetos e recomeço quase do zero já se tornou uma tradição pessoal. Mas, para mim, é preferível isso do que ficar preso na monotonia de um trabalho que já não me interessa.

Outra característica, talvez a mais peculiar, é a minha inclinação a recordar coisas aparentemente aleatórias, que, curiosamente, acabam por se revelar um excelente combustível criativo quando me sinto estagnado. É uma das razões pelas quais não aprecio escrever relatórios sobre o meu processo criativo. Como posso explicar que, de repente, me veio à cabeça as pinturas medievais de Jesus bebê, mas com feições e corpo de adulto (não foi assim tão repentino, de certa forma estão relacionadas com o sentimento de *uncanny*). E, como qualquer procrastinador, pensei: “Por que não dar uma pequena pesquisa na *internet* e ver o que mais eu posso descobrir sobre isto?” Só por diversão, claro. Eu não pretendia escrever nada a respeito disso, era meramente uma pausa bem-vinda. Mas, como as melhores procrastinações, acabou por me levar por caminhos que eu não esperava. No fundo, eu só queria rir um pouco daquelas imagens, mas, vejam só, essa brincadeira acabou por se tornar trabalho de verdade (sim, isto é uma piscadela ao livro que falei há 29 páginas atrás). E é assim que a procrastinação se transformou em pesquisa e agora, quem diria, faz parte deste relatório. Essa lembrança inusitada acabou por ser uma espécie de epifania, e decidi aprender sobre a evolução da representação da infância na história da arte, especificamente, no contexto ocidental. O meu objetivo era entender como a infância foi representada ao longo do tempo porque, assim como a adultescência, essa fase da vida não era reconhecida em épocas passadas.

PARTE III

Ser Pictórico

Procastinação

Embora eu tenha inicialmente começado com as pinturas medievais, por uma questão de organização e cronologia, vou começar pelas representações da Grécia e Roma antigas.

Na arte grega, a infância era raramente representada de forma isolada. As crianças aparecem principalmente em contextos mitológicos ou como acompanhantes de adultos, e as suas representações enfatizam a sua eventual transformação em adultos. Em esculturas e cerâmicas, por exemplo, as crianças são frequentemente mostradas em cenas de atividades cotidianas, como brincar, mas sempre com uma conotação que aponta para seu futuro papel na sociedade.

Enquanto na arte romana, as representações de crianças são mais variadas, mas ainda são vistas principalmente em contextos familiares e de continuidade dinástica. Bustos e estatuetas de crianças de famílias nobres eram comuns, muitas vezes com características adultas, sublinhando a importância da linhagem e da sucessão. Em mosaicos e frescos, as crianças aparecem em cenas familiares, mas raramente como o foco principal da obra. Assim como na Grécia, a arte romana não idealiza a infância, mas sim a vê como uma etapa em direção à vida adulta.

Nas duas culturas, a função simbólica da criança na arte estava intimamente ligada à perpetuação dos valores e da estrutura social. As

crianças eram representadas não tanto pelo que eram naquele momento, mas pelo que iriam se tornar. As representações artísticas não visavam celebrar a infância em si, mas sim o papel futuro que aquelas crianças desempenhariam na sociedade.

«During this epoch children, [Durante esta época, as crianças, particularly infants, were e em particular os bebês, eram infrequently depicted and when raramente representados e, quando accorded artistic expression tend to lhes era concedida expressão appear in the minor and relatively artística, apareciam nas artes inexpensive arts of painted plaques menores e relativamente baratas and vases or terracota figurines.» das placas e vasos pintados ou das estatuetas de terracota.] (Beaumont, 2003, p.61)

«The great cultural emphasis was [A grande ênfase cultural estava, undoubtedly on children as progeny sem dúvida, nas crianças como who were able to continue the descendentes capazes de continuar the family name and cult, supply labor, o nome e o culto da família, fornecer inherit and maintain family estate, mão de obra, herdar e manter os bens da família, apoiar os pais idosos and support their aged parents, and e fornecer-lhes ritos funerários supply them proper funeral rites.» adequados] (Dixon, 1992, p.132)

Com a queda do Império Romano no ocidente e o com o início da Idade Média, a infância tornou-se praticamente invisível na arte e, por extensão, na consciência social, porque a arte era um veículo para a devoção e o ensino religioso para a população analfabeta. A reentrada da infância no universo da arte pictórica ocorre, de maneira notável, com a representação da maternidade da Virgem Maria, uma vez que essas peças eram encomendadas pelas igrejas e isso fazia com que o leque de possíveis representações da infância se limitasse a Jesus e a alguns outros bebês bíblicos.

Agora sim, de volta às pinturas de Jesus, algumas dessas representações eram influenciadas pela teoria do homúnculo (do latim *homunculus*, significa homenzinho ou pequeno homem), que afirmava que como Jesus era especial, tinha nascido perfeito e inalterado, ou seja, era frequentemente pintado com características de um homem adulto. Com o tempo, este Jesus homúnculo tornou-se a norma e os artistas retratavam todos os bebês da mesma forma.



Retirados de https://medium.com/@risky_1774/the-ugliest-paintings-of-baby-jesus-8ad728270340

À esquerda, temos a obra de 1284 do artista Duccio di Buoninsegna, enquanto à direita está a pintura datada de ca. 1475-1480, de Giovanni di Paolo. Ambas as obras compartilham o mesmo título, *A Virgem e o Menino com Anjos*, uma denominação comum para inúmeras representações desse tema; e ambas são um exemplo perfeito da teoria do homúnculo.

«Children appeared in Medieval art but, as with homunculus images of Jesus, children were portrayed as miniature adults because artists and audiences had no conception of childhood and, therefore, would not have been able to understand a childlike Jesus.» (Averett, 2015, p.)

[As crianças apareciam na arte medieval, mas, tal como nas imagens homúnculas de Jesus, as crianças eram retratadas como adultos em miniatura porque os artistas e o público não tinham qualquer conceção da infância e, portanto, não teriam sido capazes de compreender um Jesus infantil.]

«This undoubtedly means that the men of the tenth and eleventh centuries did not dwell on the image of childhood, and that that image had neither interest nor even reality for them. It suggests too that in the realm of real life, and not simply in that of aesthetic transposition, childhood was a period of transition which passed quickly and which was just as quickly forgotten.» (Airès, 1960, p.33)

[Isto implica, certamente, que os homens dos séculos X e XI não pensavam na imagem da infância, e que essa imagem não lhes interessava, e nem sequer era uma realidade. Sugere também que, no mundo real, e não apenas no da transposição estética, a infância era um período de transição que passava rapidamente e que era esquecido com a mesma rapidez.]

Somente mais tarde, o humanismo renascentista trouxe uma nova valorização do indivíduo e da natureza humana, e conseqüentemente, as crianças começaram a ser retratadas com maior realismo. É no renascentismo que surge o *putto*. A palavra *putto* (do latim *putus*, “menino”) refere-se a uma criança do sexo masculino, rechonchuda, geralmente nua e muitas vezes alada, numa obra de arte, ou pode ser utilizada para se referir a um rapaz na vida real (agora, já sabem a origem da expressão “puto”). Os *putti* (plural de *putto*) simbolizavam

a inocência, a pureza e a proximidade com o divino, mas, ao mesmo tempo, trouxeram à arte uma representação mais naturalista e delicada da figura infantil.

A representação de anjos na forma de *putti* na pintura do Renascimento trouxe à tona a ideia de infância de uma maneira que não havia sido explorada anteriormente. Essa nova sensibilidade refletia uma transformação cultural mais ampla na percepção cultural da infância, uma fase da vida que, até então, havia sido amplamente negligenciada.

«The taste for the *putto* corresponded to something far deeper than the taste for classical nudity, something which can be ascribed only to a broad surge of interest in childhood. (...) This is all the more remarkable in that the theme of the *putto* originated and developed at the same time as the child portrait.» (Airès, 1960, p.45-46)

[O interesse pelo *putto* correspondia a algo muito mais profundo do que o gosto pela nudez clássica, algo que só pode ser atribuído a um alargado interesse pela infância. (...) Este facto é tanto mais notável quanto o tema do *putto* teve origem e se desenvolveu ao mesmo tempo que o retrato de criança.]

Também foi no Renascimento que prática de encomendar retratos de crianças começou a se disseminar e foi conduzida principalmente pela nobreza e, posteriormente, pela classe rica burguesa. Esses retratos serviam como registros familiares e símbolos de *status*, refletindo a crescente valorização das crianças dentro das estruturas sociais e familiares da época.

O *putto* de Rosso Fiorentino, conhecido como *Anjo Musical* (1521), é um fragmento de uma peça de altar perdido, que provavelmente representava a Virgem Maria e o Menino Jesus com os alguns santos (para variar não é mesmo?). É sem dúvida o meu *putto* favorito, por aquilo que ele representa: uma criança, talvez aborrecida, quem sabe, que encontrou um alaude e experimenta acordes como se fosse um

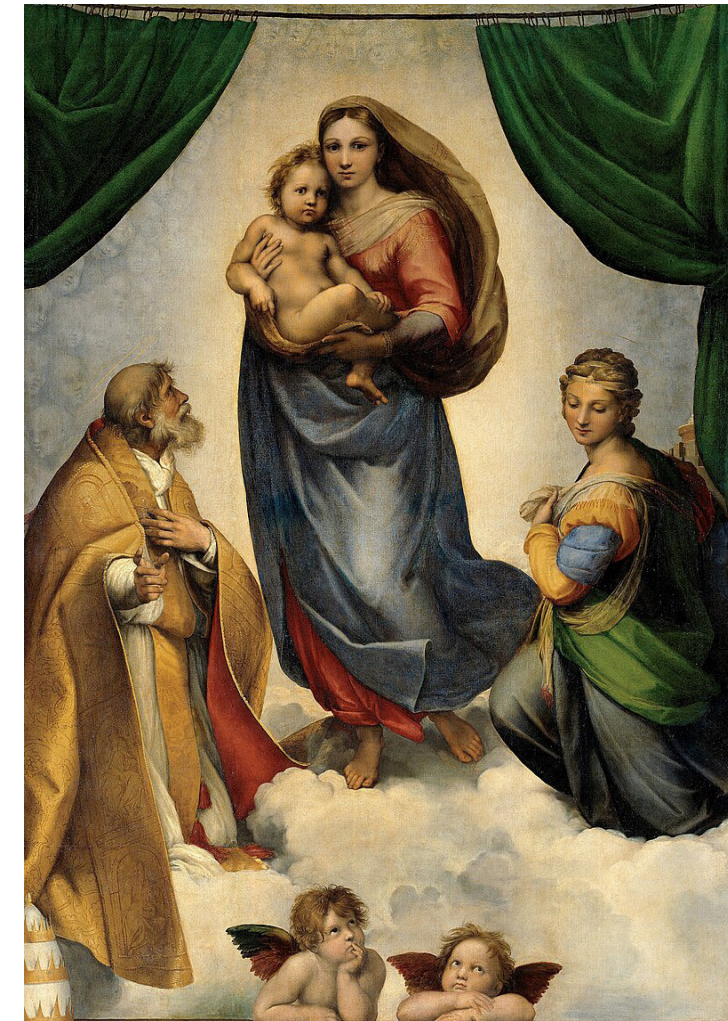
passatempo trivial, quase como se estivesse à espera que algo mais interessante acontecesse. Os seus olhos parecem vagar, a sua postura é casual e há uma despreocupação que contrasta com a típica atmosfera associada à arte sacra. Ele poderia muito bem ser uma criança qualquer, perdida nos seus próprios pensamentos, encontrando consolo num instrumento, por pura falta de algo melhor para fazer. E é justamente essa humanidade que me faz adorar este *putto* em particular.



Retirado de https://artsandculture.google.com/asset/musical-angel-0009/YgFYC_DCsZQu8A

De forma semelhante, os dois *putti* que repousam na base da *Madona Sistina* (1512) de Rafael Sanzio, também parecem alheios ao contexto

espiritual que os cerca. Estes *putti* não estão envoltos numa aura de santidade ou imbuídos de um propósito celestial. Pelo contrário, eles são retratados num momento de pura e simples infância, talvez entediados e com a cabeça nas nuvens (não consegui evitar).



Retirado de <https://artsandculture.google.com/asset/the-sistine-madonna/CgEiMJRg7ZS6DA>

Após o auge do Renascimento, com o passar do tempo e a mudança nas sensibilidades estéticas e culturais, os *putti* começar gradualmente a perder o seu vínculo original com o sagrado. No Barroco, por exemplo, eles ainda eram utilizados em cenas religiosas, mas já começavam a aparecer de forma mais lúdica, em cenários que pouco tinham a ver com a espiritualidade. No século XVIII, com o Rococó, essa tendência intensificou, os *putti* tornaram-se sinónimo de graça, leveza e frivolidade, e começaram a adornar tetos, lareiras, jardins, num estilo cada vez mais ornamental e afastado do seu significado original. Mesmo nos dias de hoje, esses pequenos seres alados estão tão enraizados na decoração que é comum encontrá-los espalhados por aí (inclusive, até eu tenho alguns em minha casa). Foi também nesse mesmo século, que figuras como Jean-Jacques Rousseau começaram a mudar a forma como a sociedade via as crianças. Foi com *Émile, ou De l'éducation* [Emílio, ou Da Educação] (1762), que Rousseau foi pioneiro em defender a ideia de que a infância deveria ser respeitada como uma fase distinta da vida, com seu próprio valor e suas próprias necessidades. Essa nova visão sobre a infância coincidiu com o período em que os *putti* se tornaram mais populares, o que sugere que a sociedade começava a apreciar as qualidades associadas à infância – inocência, alegria e curiosidade – como aspetos fundamentais da vida humana. Os *putti*, então, podem ser vistos como um reflexo visual dessa mudança de percepção, uma representação tangível da valorização da infância por si mesma.

PARTE IV

Ser Angelical

Entre dois mundos

A figura do *putto* despertou o meu interesse de maneira particular, justamente pela sua capacidade de transcender as fronteiras do simbolismo religioso e se afirmar como uma espécie de ferramenta de conscientização da infância. Essa característica fez-me querer incorporar a figura de um anjo no trabalho que viria a desenvolver, já que de certa forma também eu estou a tentar conscientizar uma nova idade, como uma espécie de homenagem a essa figura.

Um exemplo contemporâneo de como os *putti* ainda conseguem desempenhar esse papel são os *Sonny Angels*, umas mini figuras colecionáveis que surgiram no Japão nos anos 2000 (existem cerca de 900 figuras diferentes). Embora possam parecer brinquedos infantis, o seu sucesso está concentrado principalmente entre o público de 20 a 30 anos, a geração “adultescente”, que encontra nos *Sonny Angels* um reflexo de sua própria experiência. Para adultescentes, eles servem como lembretes da infância, porém são figuras que não pertencem inteiramente a nenhum estágio específico da vida. Eles fluem entre a inocência infantil e a seriedade adulta, portanto, conseguem espelhar a experiência moderna de amadurecimento. Essas figuras colecionáveis são mais do que meros objetos decorativos ou lembranças da infância. Elas são símbolos de um desejo por simplicidade e inocência no meio da vida adulta. Ao mesmo tempo, os *Sonny Angels* funcionam como

um meio de autoexpressão e identidade para os adulescentes, que muitas vezes se encontram num espaço onde as linhas entre o que é considerado infantil e adulto se misturam.

O facto de os *Sonny Angels* serem direcionados e popularmente adotados por uma faixa etária mais madura mostra como esses objetos transcendem sua aparência inicial. Eles atendem a uma necessidade emocional e cultural dessa geração, que busca um equilíbrio entre a leveza da infância e as responsabilidades da vida adulta.

«*Sonny Angel* is the name of a fictitious 2-year-old cherub designed to be a tiny companion for working women in their mid-20s dealing with the stresses of adulthood» (O'Neill, 2023)

[*Sonny Angel* é o nome de um querubim fictício de 2 anos, concebido para ser um pequeno companheiro para as mulheres trabalhadoras na casa dos 20 anos que lidam com os stresses da vida adulta.]



Carrot [Cenoura], Frog [Sapo] e Rabbit [Coelho].
Retirados de <https://www.sonnyangel.com/en/products/>

Os anjos, nas várias tradições religiosas e culturais, são vistos como mensageiros ou intermediários entre o divino e o humano. Eles são seres espirituais que não pertencem inteiramente a um mundo ou ao outro, capazes de se mover entre diferentes planos de existência. É provável, que essa qualidade transeunte dos anjos é o que permite a essas figuras representar a experiência moderna de ser adulescente, onde o passado, o presente e o futuro estão constantemente em diálogo.

«A running theme in this book has been that reflection on angels can illuminate aspects of human existence. (...) discussion of angels has often been a roundabout way of talking about human beings: angelology as disguised anthropology. Angels frequently highlight moments of human significance.» (Jones, 2010, p.135)

[Um tema recorrente neste livro tem sido o facto de a análise dos anjos poder revelar aspectos sobre a existência humana. (...) a discussão sobre os anjos tem sido muitas vezes uma forma indireta de falar sobre os seres humanos: a angelologia como antropologia disfarçada. Os anjos frequentemente assinalam momentos de importância para o ser humano.]

Para além disso, pus-me também a pensar sobre a idade dos anjos. A discussão sobre o sexo dos anjos já foi levantada em inúmeras ocasiões, e da mesma forma, a questão da idade dos anjos pode ser vista como um complemento a essa discussão. Se o sexo dos anjos é irrelevante ou inexistente, por que a idade deles seria diferente? Anjos, como seres celestiais, não estão presos às mesmas limitações que os humanos, incluindo a passagem do tempo. Os anjos são, na sua essência, atemporais, portanto, a ideia de idade torna-se uma noção humana que projetamos sobre eles. Quando olhamos para um *putto* não estamos a observar um “anjo criança”, mas sim uma manifestação da inocência que associamos à infância. Eles são simultaneamente velhos e jovens.



PARTE IV

Projeto Final

Dar azo e dar asas

Sei que a minha abordagem até agora foi tudo menos linear—talvez até tenham pensado: “Onde é que isto tudo vai dar? Admito que comecei por falar sobre a representação da infância na história da arte, mas acabei por me aprofundar mais sobre a figura dos *putti*, sem dar continuidade ou conclusão a essa pesquisa (bem, eu avisei que tenho esse vício). Contudo, prometo que é aqui tudo começará a se encaixar e fará sentido.

Os conceitos apresentados ao longo deste relatório começam a convergir e ganhar forma no projeto fotográfico que estou prestes a apresentar. Este projeto é uma manifestação visual das ideias de «emerging adulthood», da liminaridade e da figura do *putto*.

Os anjos, como seres transeuntes, são as figuras ideais para representar a experiência dos adulescentes — aqueles que habitam o espaço entre a infância e a maturidade. A figura do anjo, reimaginada nesta série, não é uma entidade celestial, mas um símbolo da transição — um mediador entre diferentes mundos e estados de ser. Inspirado pela imagem do *putto*, o anjo aqui é despojado da sua conotação tradicional e ressurgue como uma figura que, em vez de encarnar a infância, expressa a ambiguidade do adulescente.

Através desta abordagem, o projeto procura captar as sensações de instabilidade e ambiguidade que definem a fase da adulescência.

Acho que estamos perdidos...





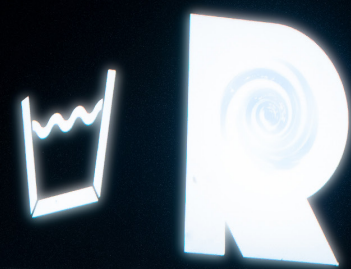


























PLAY



S'

0:00











Considerações Finais

Tal como em começar, também tenho uma certa dificuldade em encerrar. Eu sei que as conclusões são para fazer um resumo dos pontos principais acompanhados de uma breve reflexão geral, mas passadas 13000 palavras não sei bem o que acrescentar. Para ser sincero, continuo praticamente igual a como comecei. Uns meses mais velho só. E encerrar um trabalho como este, que reflete sobre as nuances da transição para a vida adulta, é um desafio, especialmente quando, ao final do processo, não há uma mudança drástica ou uma resposta clara às questões levantadas. E quem sabe, essa incerteza seja parte do charme da vida adulta (ou, pelo menos, é uma desculpa conveniente).

Para terminar de vez, apenas quero acrescentar que tenho plena consciência de que existem problemas maiores do que as dificuldades de ser ou tornar-se adulto. Os textos que apresentei destacam que essa questão se manifesta sobretudo na classe média e no mundo ocidental, onde as condições de vida, oferecem um nível de segurança e conforto que não é universal. Mas acredito que essa questão vai além de um problema individual ou de classe. Ela revela um mal-estar maior, uma sensação de desalinhamento entre as expectativas sociais e a realidade. Num mundo cada vez mais interconectado e ao mesmo tempo fragmentado, a transição para a vida adulta tornou-se um símbolo das complexidades e contradições do nosso tempo. É sobre um sistema que, ao mesmo tempo em que promete possibilidades



ilimitadas, impõe barreiras muitas vezes intransponíveis.

Portanto, a discussão sobre a adultização, é uma janela para entendermos questões mais amplas, como a sustentabilidade do modelo econômico atual, a saúde mental e emocional, e o próprio futuro das sociedades. Não se trata apenas de uma preocupação individual, mas de um sintoma de algo maior, algo que diz respeito a todos nós.

Em vez de encontrar a segurança e a autonomia que sempre foram associadas à maturidade, muitos jovens adultos se veem presos em uma rotina de sobrevivência, onde o custo de vida em ascensão, o mercado de trabalho volátil e a falta de perspectivas sólidas dominam o dia-a-dia. Para muitos, os objetivos e aspirações que outrora impulsionavam o crescimento pessoal são sacrificados em nome de necessidades imediatas. Tornar-se adulto, nesse contexto, deixou de ser uma etapa natural do desenvolvimento e passou a ser uma batalha para garantir o básico: um teto sobre a cabeça, comida na mesa, e alguma segurança para o futuro. O que se percebe é que, para muitos, ser adulto tornou-se uma questão de resistir e persistir.

Apesar de este não ser um problema que exige atenção imediata, é algo que devemos começar a levar em consideração. A realidade de que a vida adulta se transformou para muitos num jogo de sobrevivência pode não ser tão urgente quanto outras crises que afetam o mundo, mas ela carrega implicações profundas para o bem-estar individual e coletivo. Essa questão toca em aspectos essenciais da nossa existência: a forma como estruturamos as nossas sociedades, as oportunidades que oferecemos às novas gerações e o tipo de futuro que estamos a construir. Ignorar essa transformação é ignorar os sinais de um sistema que está a falhar em proporcionar a segurança e o suporte necessários para que as pessoas possam não apenas sobreviver, mas também prosperar.

Referências

Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford University Press.

Averett, M. K. (2015). *The Early Modern Child in Art and History*. Routledge.

Brown, S. L., & Vaughan, C. C. (2009). *Play: How it Shapes the Brain, Opens the Imagination, and Invigorates the Soul*. Avery.

Dixon, S. (1992). *The Roman Family*. Johns Hopkins University Press.

Edwards, P. (2015, July 8). *Why babies in medieval paintings look like ugly old men*. Vox; Vox. <https://www.vox.com/2015/7/8/8908825/ugly-medieval-babies>

Elkind, D. (2007). *Hurried child: Growing up too fast too soon*. Reading, Ma Addison-Wesley. (Publicado originalmente em 1981)

Gennep, A. V. (1978). *Os ritos de passagem*. Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1909)

Infopédia. (n.d.). *Infopédia - Dicionários Porto Editora*. Infopédia. <https://www.infopedia.pt>

Jensen, F. E., & Amy Ellis Nutt. (2015). *The teenage brain: a neuroscientist's survival guide to raising adolescents and young adults*. Collins.

Jones, D. A. (2010). *Angels: a history*. Oxford University Press.

Legislação Consolidada. (n.d.). Diariodarepublica.pt. <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada-destaques>

Mellor, C. (2008). *Were You Raised by Wolves?* Harper Collins.

O'Neill, S. (2023, April 6). *Why Do People Love This Tiny Doll?* The New York Times. <https://www.nytimes.com/2023/04/06/style/sonny-angels-dolls-tiktok.html>

Ariès P., Baldick, R., & Phillips, A. (1996). *Centuries of childhood*. Pimlico. (Publicado originalmente em 1960)

Royle, N. (2003). *The Uncanny*. Manchester: University Press.

Rumbaut R. G., Furstenberg, F. F., & Settersten Jr, R. A. (Eds.). (2008). *On the Frontier of Adulthood: Theory, Research, and Public Policy*. University of Chicago Press.

Stephen John Morewitz, Neils, J., John Howard Oakley, Hart, K., & Beaumont, L. A. (2003). *Coming of Age in Ancient Greece*. Yale University Press.

Thomassen, B. (2014). *Liminality and the modern: living through the in-between*. Ashgate.

PARTE V

Ser Mestre

Isto é mais um épilogo

Escrever este capítulo é, confesso, uma experiência ligeiramente estranha. Ao contrário do restante texto deste relatório, este momento surge numa espécie de "pós-créditos". A exposição já aconteceu, o relatório foi entregue, defendido (felizmente com sucesso!) e, no entanto, aqui estou eu novamente, a adicionar mais algumas páginas a algo que, teoricamente, já deveria estar terminado. Isto é uma adenda. Um extra.

Aqui pretendo deixar algumas imagens da exposição, para quem quiser ter uma ideia do resultado final. E para listar algumas referências que não foram diretamente incluídas neste relatório, mas que, inevitavelmente, ajudaram a moldar tanto este documento como o projeto final. Este capítulo é, acima de tudo, um espaço de partilha. O seu propósito é simples: complementar o que já foi apresentado no relatório, um espaço destinado a fechar o círculo, sem grandes análises ou desvios, mas com o objetivo claro de partilhar o essencial e deixar o processo mais completo.

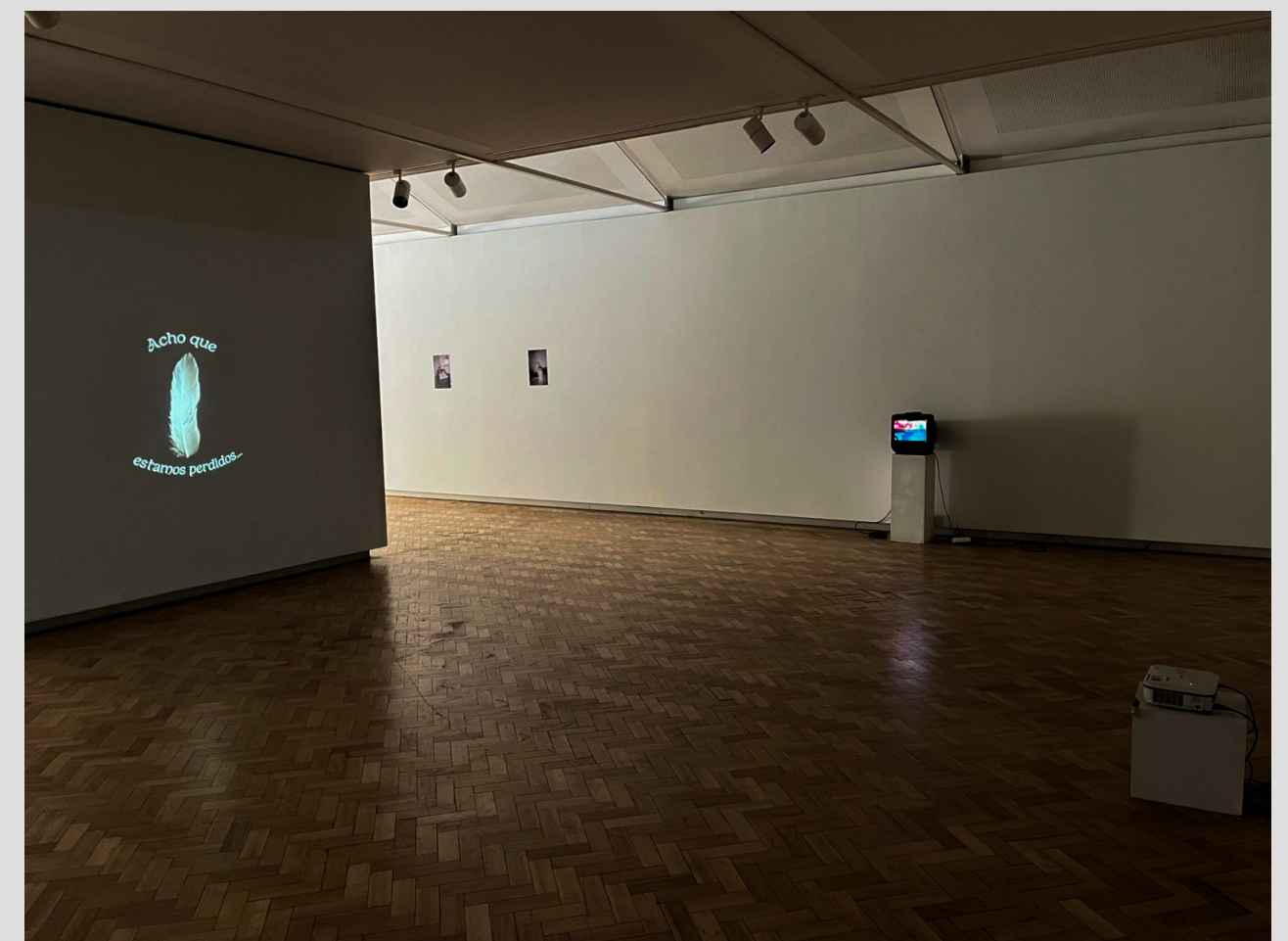
A defesa foi no dia 13 de novembro, e se ainda se recordam da introdução deste relatório, já sabem o que isso significa. Se não se recordam, bem, foi no meu aniversário. Combinado não dava tão certo: apresentar um trabalho que fala sobre crescer e sobre o meu problema com a idade justamente no dia em que fico mais velho. Foi uma ótima

coincidência, no mínimo irônica, mas que acabou por tornar o momento ainda mais marcante.

Apresentei no espaço do museu da escola. O projeto "*Acho que estamos perdidos...*" foi transformado num vídeo e projetado em *loop* na parede, simulando um *view-master*. Nas laterais, estavam dois televisores: um exibia um vídeo que realizei para a cadeira de Práticas de Fotografia e Cinema, no segundo semestre do primeiro ano do mestrado, que abordava o meu sentimento de nostalgia pela infância. No outro, estavam os vídeos que fiz a caminhar por espaços liminares ao longo deste ano. Na parede, estavam impressões de duas séries de trabalhos, também realizadas durante o primeiro ano, no caso em contexto de Estúdio. Uma série consistia em fotografias da infância, digitalmente manipuladas, e a outra era composta por desenhos de infância acompanhados de afirmações sobre a infância e a idade adulta (as digitalizações dos trabalhos e os *links* para os vídeos podem ser encontrados nas páginas mais à frente).

Por fim, para o momento da apresentação, decidi criar um semi-círculo de cadeiras, virado para mim, onde eu estava sentado, rodeado por alguns dos meus brinquedos de infância. No geral, a minha intenção era criar uma atmosfera íntima e pessoal, como se estivesse a partilhar algo profundamente meu, ao mesmo tempo que convidava os espectadores a estarem próximos e envolvidos no meu mundo de memórias e reflexões.

Sei que estou a ser bastante sucinto e direto, mas sinceramente não sinto que para esta parte precise de falar muito mais. A verdade é que, ao voltar a este momento, já não tenho a mesma motivação que tinha quando estava a escrever este relatório. Agora, é simplesmente partilhar. Não sinto que precise de envolver a mesma profundidade ou entusiasmo que tinha na altura — este momento é mais sobre concluir, dar o toque final, sem complicar. Por isso, sem mais demoras, deixo aqui as fotografias da exposição e trabalhos que foram expostos, bem como algumas referências extra fizeram parte do processo criativo e teórico.



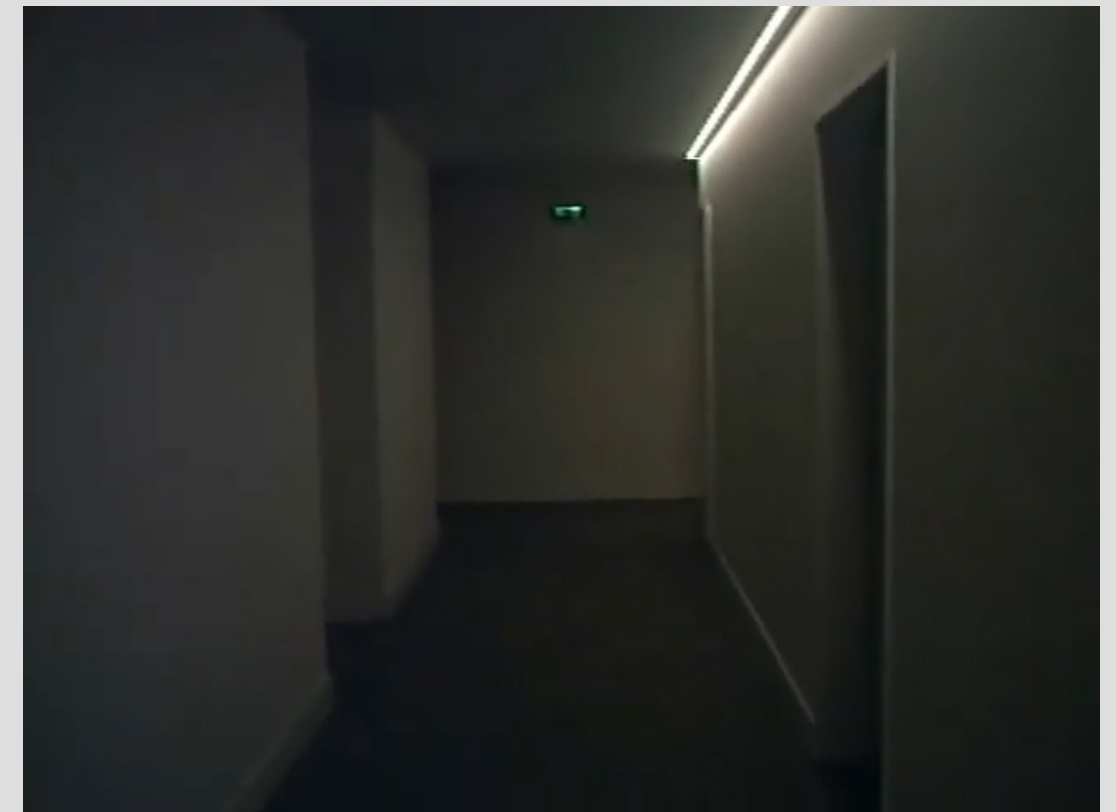




[Acho que estamos perdidos...](#)

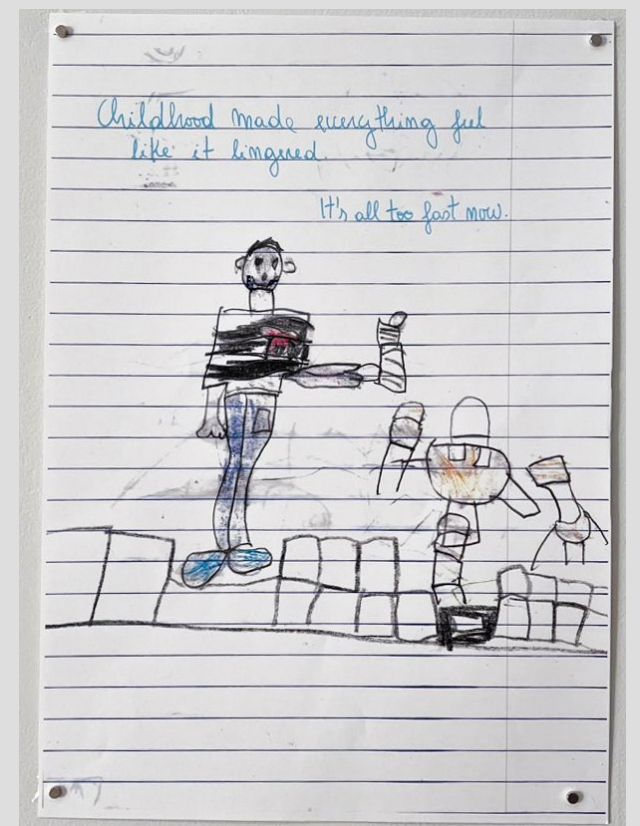
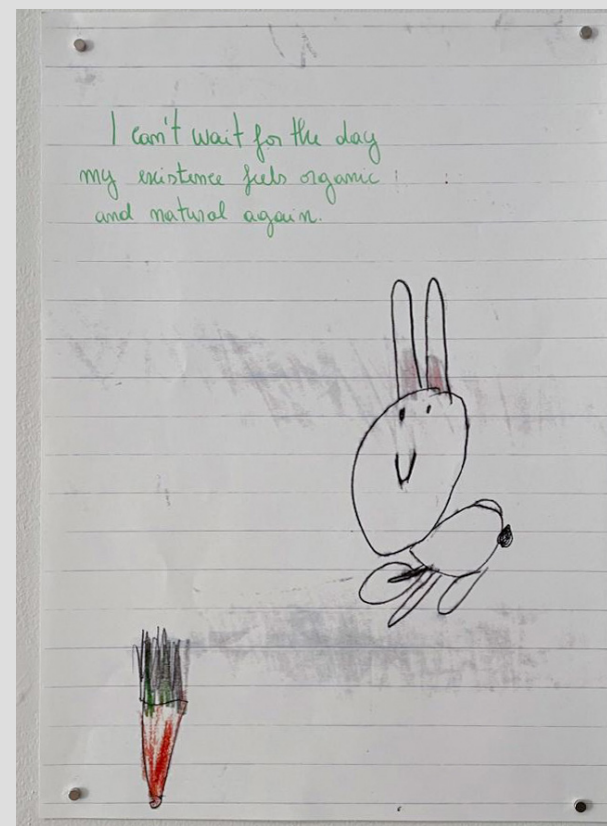
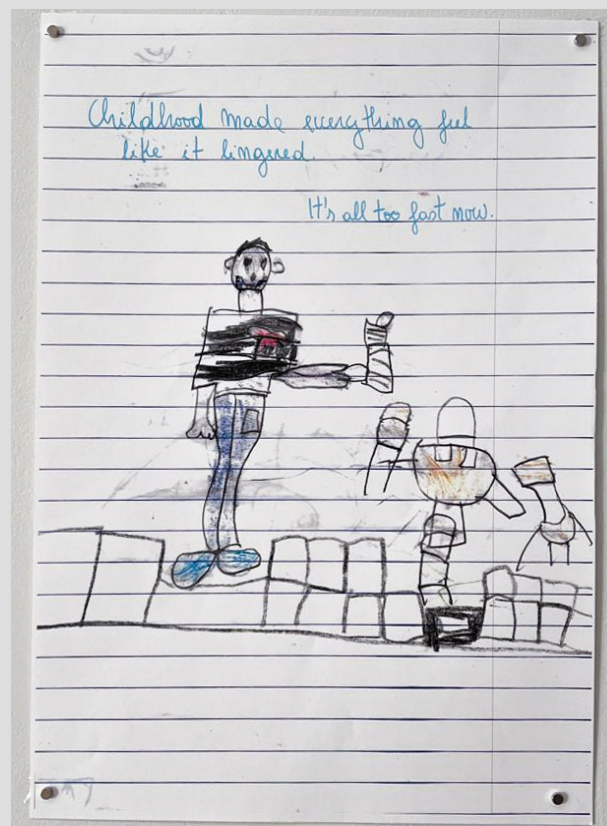
[a midnight thought vol.1](#)

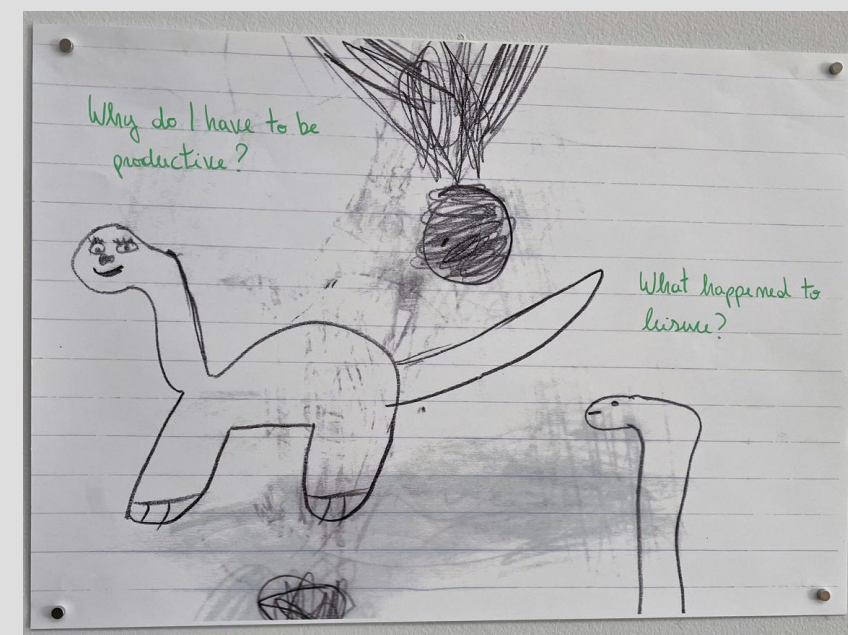
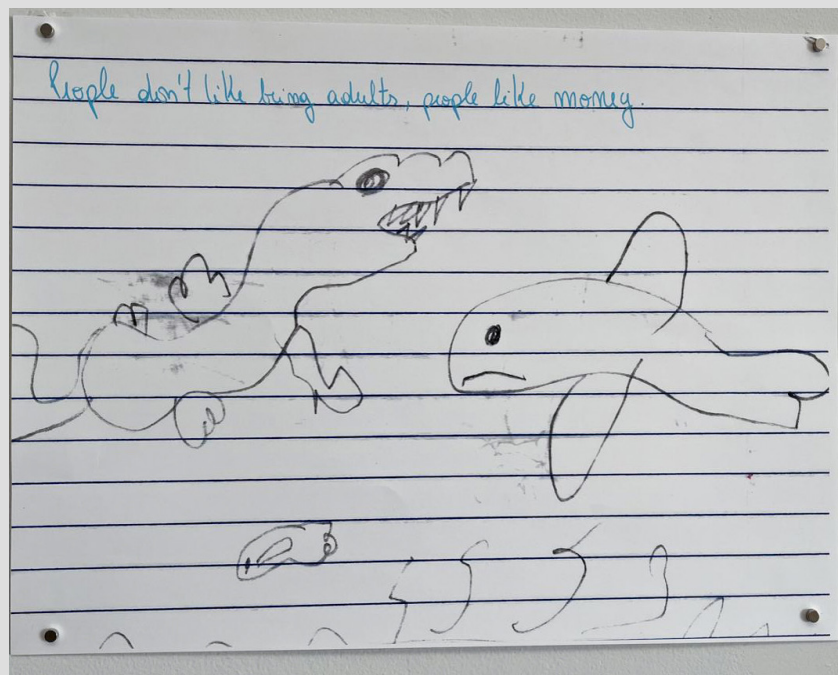
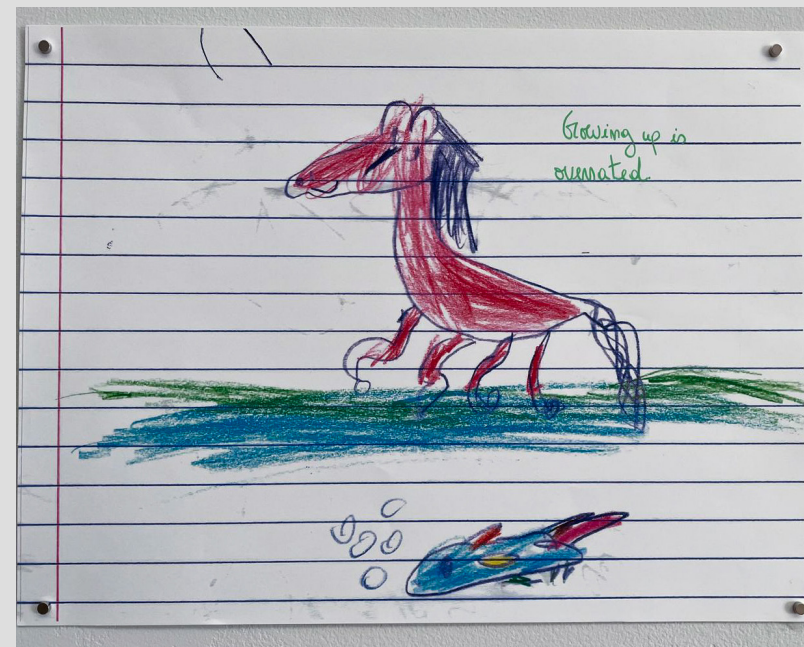
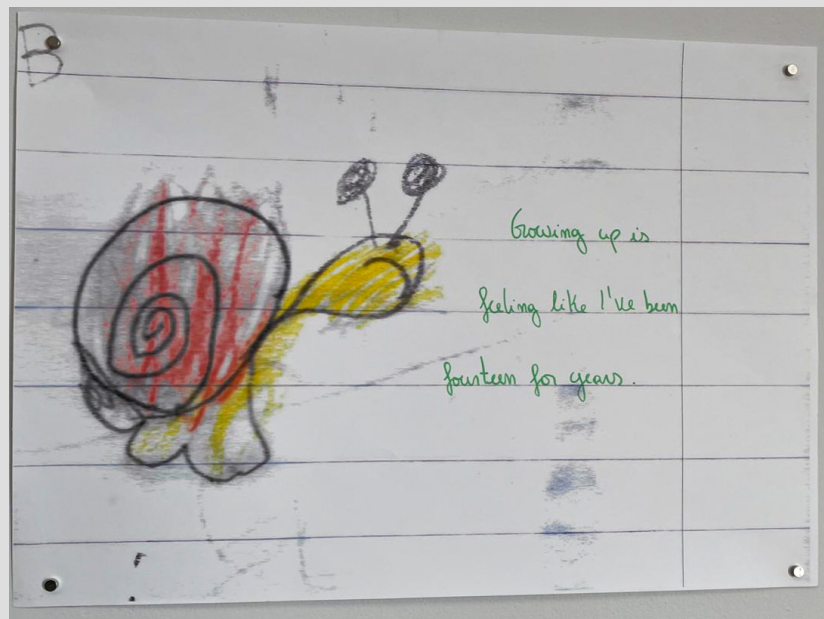
a midnight thought
vol.1



[Liminar](#)



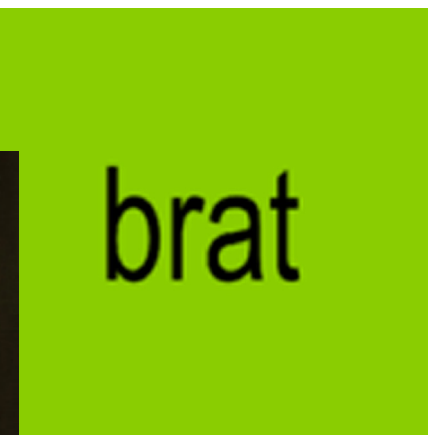
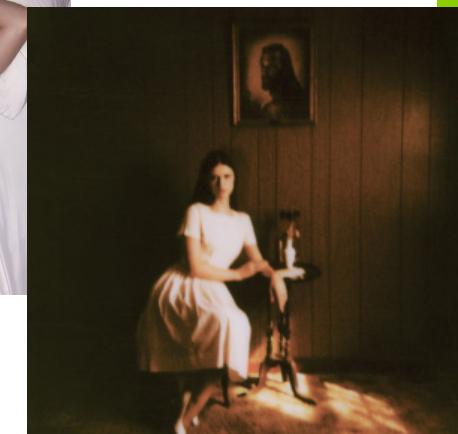




Referências II

Estas referências são o que são: um apanhado do que esteve presente em pano de fundo e que, mesmo sem ter sido diretamente usado, alimentou este processo.

Vou começar pela música. Durante todo o ano, claro que fui ouvindo várias músicas, mas estes foram os álbuns que acredito terem mais relação com este trabalho. Seja pelas letras ou pela sonoridade, estes álbuns/artistas pareciam conversar com aquilo que estava a fazer e a pensar: *to hell with it* (2019), de Pink Pantheress; *Pang* (2019), de Caroline Polachek; *Cry* (2019), de Cigarettes After Sex; *Preacher's Daughter* (2022), de Ethel Cain e *how i'm feeling now* (2020) e *BRAT* (2024), de Charli XCX. (Sim, é uma coincidência serem quase todos de 2019 — só reparei nisso agora).



Algo que é essencial para o meu processo criativo é ver filmes. Seja para me inspirar, explorar um tema ou simplesmente para procrastinar, os filmes estão sempre presentes no meu trabalho. Independentemente do projeto, há sempre espaço para um filme.

Nos primeiros meses deste segundo ano, mergulhei em narrativas de *coming of age* [amadurecimento]. Para quem não está familiarizado, é um género que explora as fases de transições da vida, mas geralmente é focado na passagem da infância ou adolescência para a idade adulta. A maioria dos filmes que cito, foram lançados a partir dos anos 2000, o que faz sentido, já que são histórias que acompanham a época em que cresci. Há algo nas temáticas, no tom e na abordagem destas narrativas que ressoa comigo, talvez porque refletem os desafios e as transições de quem cresceu no início do século XXI. Recomendo-os especialmente para quem tem uma idade próxima à minha e a quem quiser perceber melhor esta geração.

Selecionei estes onze títulos porque, na minha perspetiva, foram os que mais me marcaram, com os quais mais me identifiquei e, acima de tudo, aqueles que acredito que melhor representam o que tentei descrever neste relatório. Eis a lista:

- *Reality Bites* (1994), de Ben Stiller;
- *Real Women Have Curves* (2002), de Patricia Cardoso;
- *Lost in Translation* (2003), de Sofia Coppola;
- *Tiny Furniture* (2010), de Lena Dunham;
- *Francis Ha* (2012), de Noah Baumbach;
- *The Florida Project* (2017), de Sean S. Baker;
- *Lady Bird* (2017), de Greta Gerwig;
- *Eighth Grade* (2018), de Bo Burnham;
- *PEN15* (2019), uma série criada por Maya Erskine e Anna Konkle;
- *Shiva Baby* (2020), de Emma Seligman;
- *Verdens verste menneske* (2021), de Joachim Trier.

Ao longo do meu processo criativo, outras referências importantes acabaram por vir de um lugar que não costuma ser associado à investigação académica: o *YouTube*. Mais especificamente, os *video essays*. Para quem não está familiarizado, *video essays* são ensaios audiovisuais que utilizam o formato de vídeo para explorar, argumentar ou analisar temas específicos. Estes vídeos podem cobrir uma vasta gama de tópicos, desde cinema, arte e cultura *pop* até questões sociais e filosóficas, frequentemente acompanhados por imagens, clipes e narração. Ao encontrar criadores que discutiam temas semelhantes aos que eu estava a explorar, estes vídeos tornaram-se ferramentas úteis para aprofundar ideias e até para organizar os meus próprios pensamentos.

Todos os vídeos mencionados nesta lista estão em inglês, e nem todos possuem legendas disponíveis. Por isso, pode ser necessário um bom nível de compreensão do idioma para os aproveitar plenamente.

[Out of Time: The Horrors of Adulthood](#)

[Past Futures: Nostalgia in the Age of Escapism](#)

[Messy Young Women: a new coming-of-age film genre](#)

[how adventure time taught us to grow](#)

[It's Okay to Leave the Kids Table](#)

[Why are Adults Watching This Kids Show? \(Bluey\)](#)

[Fleabag and Insecure: A Tale of Two Millennials](#)

[teenagers don't exist anymore \(youth culture and third spaces\)](#)

[SONNY ANGELS](#)

[Coping With Being A Gen-Z Adult](#)

[Gen Z is in their 'Adulthood' Quarter Life Crisis](#)

Além disso, recomendo vivamente explorar a secção de comentários desses vídeos. Para além de ser um espaço onde frequentemente se encontram comentários que podem proporcionar uma boa gargalhada, é também um lugar para encontrar opiniões e

informações complementares que enriquecem a discussão iniciada no vídeo. Por vezes, as conversas ali presentes refletem perspectivas semelhantes às que os criadores abordam, criando um sentido de comunidade e identificação (de certa forma, os comentários acabam por prolongar a experiência do vídeo).

Embora não tenham sido diretamente referenciados ao longo do relatório, os livros que irei partilhar agora desempenharam um papel significativo no desenvolvimento das ideias e na construção do meu relatório e projeto. Abaixo, estão organizados por temáticas principais, com os respetivos autores e datas de publicação (mais uma vez, a maioria dos livros listados estão em inglês, e nem todos possuem edições traduzidas para português).

Psicologia e Identidade no Amadurecimento/Crescimento:

- *Identity: Youth and Crisis*, Erik H. Erikson (1968);
- *The Disappearance of Childhood*, Neil Postman (1982);
- *The Peter Pan Syndrome: Men Who Have Never Grown Up*, Dr. Dan Kiley (1983);
- *Adulthood and Aging: Research on Continuities and Discontinuities*, Dr. Vern L. Bengtson, (1996);
- *Born to Buy: The Commercialized Child and the New Consumer Culture*, Juliet B. Schor (2004);
- *Blurring The Boundaries: The Declining Significance of Age*, Jack Levin (2011);

Nostalgia e Memória:

- *Media and Nostalgia: Yearning for the Past, Present and Future*, Katharina Niemeyer (2014);
- *Consumed Nostalgia: Memory in the Age of Fast Capitalism*, Gary Cross (2015);
- *Mediating Memory in the Museum: Trauma, Empathy, Nostalgia*, Amy Levin (2017);

Simbologia Angelical:

- *The Encyclopedia of Angels*, Rosemary Ellen Guiley (1996);
- *Face to Face with Angels: Images in Medieval Art and in Film*, Sandra Gorgievska (2010);

Antropologia e Liminalidade:

- *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, Marc Augé (1995);
- *Discourses of Identity in Liminal Places and Spaces*, Roberta Piazza (2019);

Guias para Ser Adulto:

- *How to Be an Adult: A Handbook for Psychological and Spiritual Integration*, David Richo (1991);
- *Adulting: How to Become a Grown-up in 468 Easy(ish) Steps*, Kelly Williams Brown (2013);
- *Adulting 101: #Wisdom4Life*, Josh Burnette e Pete Hardesty (2016);
- *The Art of Growing Up*, John Marsden (2019);
- *Grow the F*ck Up: How to Be an Adult and Get Treated Like One*, Sarah Knight (2023);

Guia para Ser Criança:

- *101 Things Every Kid Should Do Growing Up*, Alecia T. Devantier (1997).

Bem, agora para concluir, aqui está uma lista dos artistas visuais que também serviram de referência para este projeto. Cada um destes artistas, à sua maneira, foram inspirações valiosas durante o meu processo criativo. Obviamente, não irei incluir aqui grande parte do trabalho destes artistas, portanto, selecionei aqueles que considero serem os mais representativos daquilo que procurei representar, ou, simplesmente, os meus preferidos.

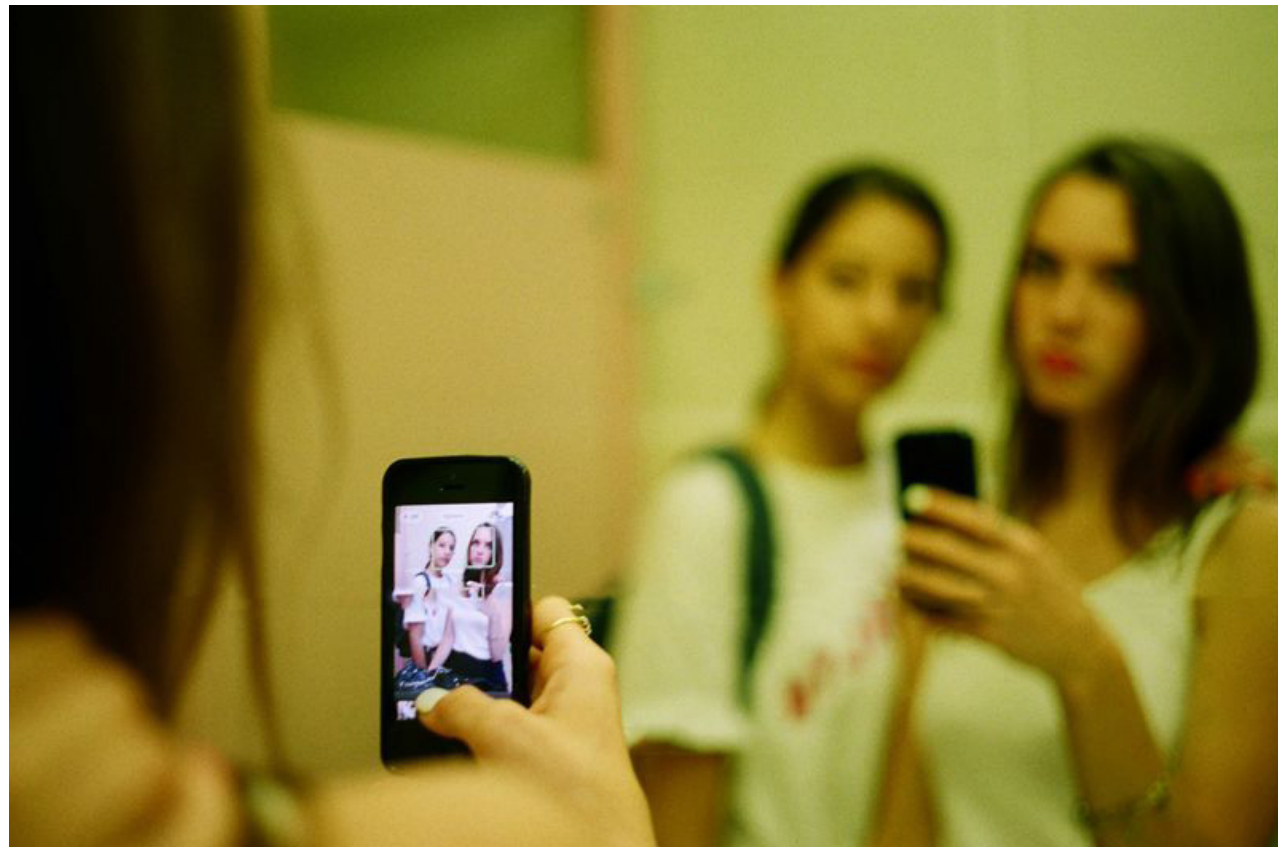


Yoshitomo Nara, *Damn It All*, 2007
<https://www.yoshitomonara.org/en/>



Cho Gi-Seok, *Nostalgia*, 2020
<http://chogiseok.com/>

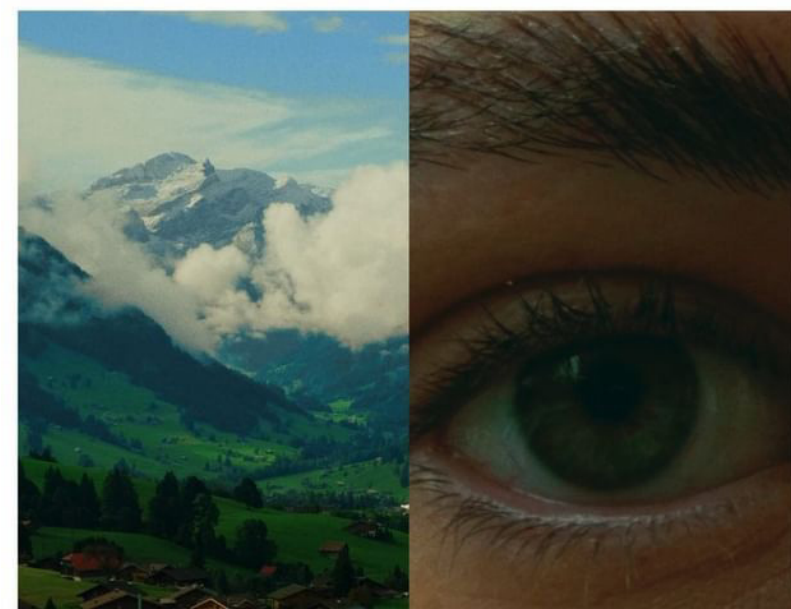




Petra Collins, *The Teenage Gaze*, 2010-2015
<https://petra-collins.com/>



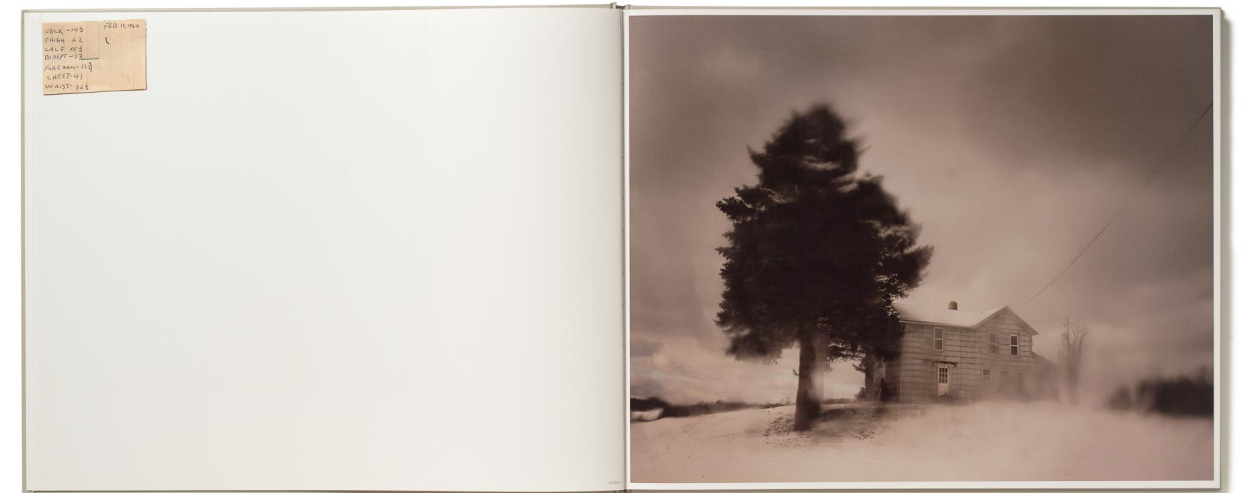
Martine Fougeron, *Nicolas & Adrien*, 2005- presente
<https://www.martinefougeron.com/>



unorganized reactions
to life
(summer '24)

Sonya Akulshina, 2024

<https://www.instagram.com/akulshinasonya/>



Todd Hido, *Excerpts from Silver Meadows*, 2013

<http://www.toddhido.com/>



Justine Kurland, *Girl Pictures*, 1997-2002
<https://www.justinekurland.com/>



Jenny Holzer, *Survival Cups*, 1983
<https://projects.jennyholzer.com/>

